

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA

DIÁLOGOS FILOSÓFICOS COM BENEDITO NUNES

MANAUS

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ANDRÉA COSTA DE ANDRADE

DIÁLOGOS FILOSÓFICOS COM BENEDITO NUNES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre sob a orientação do professor doutor Nelson Matos de Noronha.

MANAUS

2006

Ficha Catalográfica
(Catalogação na fonte realizada pela Biblioteca Central/ UFAM)

A553d	<p>Andrade, Andréa Costa de</p> <p>Diálogos filosóficos com Benedito Nunes / Andréa Costa de Andrade. - Manaus: UFAM, 2006.</p> <p>114 f.; il.</p> <p>Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Amazonas, 2006.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Nelson Matos de Noronha</p> <p>1. Filosofia 2. Literatura 3. Subjetividade 4. Crítica literária 5. Benedito Nunes - I.Título</p> <p>CDU 82.09(043.3)</p>
-------	--

ANDRÉA COSTA DE ANDRADE

DIÁLOGOS FILOSÓFICOS COM BENEDITO NUNES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre sob a orientação do professor doutor Nelson Matos de Noronha.

Aprovado em 25 de Agosto de 2006

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Nelson Matos de Noronha (Presidente).

Universidade Federal do Amazonas

Prof^o. Dr. Pe. Luís Laudato (Membro).

Faculdades Salesianas Dom Bosco-Manaus/AM

Prof^a. Dr.^a Iraildes Caldas Torres (Membro).

Universidade Federal do Amazonas

Para,

minha mãe Alda e meu pai
Ubiratan que me deram a vida e
sempre acreditaram nas minhas
potencialidades, investindo nos
meus estudos.

Ao plano superior pela força invisível;

Ao meu orientador e minha co-orientadora, professores doutores Nelson Matos de Noronha e Iraildes Caldas Torres, pela grandiosa contribuição, paciência e palavras direcionadoras;

À minha família, pelas minhas constantes ausências e pelo imenso apoio emocional e material;

Aos professores da Universidade Federal do Amazonas e das outras instituições que contribuíram para a minha consolidação acadêmica e formação humanística;

À Universidade Federal do Amazonas pela sua função social enquanto instituição pública e democrática e, em particular, ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia pela oportunidade na concretização deste estudo;

Aos amigos Amauri, Ignez, Edileuza, Umbelina, Rivelino, Davi, Celso e colegas cujo auxílio foi fundamental nesta jornada.

AGRADEÇO

O Supremo paradoxo de todo pensamento é tentar descobrir algo que o pensamento não pode pensar.

Soren Kierkegaard

RESUMO

Este estudo apresenta uma reflexão sobre a possibilidade do diálogo entre a Filosofia e a Literatura. A ênfase é dada a duas obras do filósofo paraense Benedito Nunes, também, crítico literário e um dos pensadores brasileiros mais conceituados da atualidade. O crítico literário é o sujeito que constrói um caminho a ser seguido, evidentemente de acordo com suas escolhas, utilizando a liberdade de expressão dentro do processo de conhecimento. Não obstante a isto, deve-se deixar claro que o crítico literário necessita de um método conceitual filosófico, mesmo que atrelado à sua individualidade. Benedito Nunes, por exemplo, utiliza-se da hermenêutica para garantir o rigor às suas análises críticas sobre textos de outrem. Na análise crítica da literatura há uma forte tendência à interpretação dos fenômenos de forma difusa, sem o uso de um método de raciocínio lógico. Esta pesquisa revela que é possível a construção de um pensamento metodológico na crítica literária, fundado na heurística epistemológica. O caminho metodológico adotado nesta pesquisa consistiu na escolha de duas obras: *Crivo de Papel* e *Introdução à Filosofia da Arte*. Fizemos uma leitura acurada destas duas obras, complementada pela leitura de outras obras desse pensador sobre outros autores. Depois fomos marcando os critérios éticos e estéticos percebidos na leitura das duas obras, identificamos o método utilizado pelo nosso autor e a forma como ele trata a relação simbiótica entre subjetividade filosófica e subjetividade literária. Por último, fizemos uma entrevista com Benedito Nunes, a qual foi de grande valia e importância. Concluiu-se que Benedito Nunes não é um escritor regionalista embora não prescindia do tema amazônico, para ele o pensamento é formado por uma multiplicidade de questões comuns ao todo e que afetam peculiaridades. A linguagem literária da Amazônia aparece nas reflexões filosóficas e nas críticas literárias de Benedito Nunes de forma abundante, mas assumem uma análise universalizada.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade, Reflexões Filosóficas e Crítica Literária.

ABSTRACT

*This search presents a reflection about the possibility of the communication between Philosophy and Literature. The emphasis can be found in two publications by Benedito Nunes, a philosopher from Pará, also a literary critic and one of the most recognized thinkers nowadays. The literary critic builds a way to be followed, surely according to his choices, using the free hand inside a knowledge process. However, it must be told that a literary critic needs a philosophical conceptual method, although connect to his individuality. Benedito Nunes, for example, uses the understanding for him to get precision in his critical analysis about anybody texts. In the literary critical analysis there is a great tendency to the phenomenon interpretation using a diffuse form, not using a method of logical reasoning. This search reveals that is possible the increasing of methodological thoughts in a critical literary built in an epistemological heuristic. The methodological way followed in this search was made choosing two publications: *Crivo de Papel* and *Introdução à Filosofia da Arte*. We have read accurate this two publications and we have added it to another readings from this thinker about another authors. After all we were marking ethical and aesthetics criterions that were being realized during the reading. We could identify the method used by the author and the way he treats the coupling relation between literary and philosophical subjectivity. At last we have done an important interview with Benedito Nunes. We could conclude that Benedito Nunes is not a writer from a specific region, however he is not demand to the amazonic topic, he is a universal writer. He considers the thoughts by a lot of ordinary questions that affects particularities. The Amazon literary language appears a lot in Benedito Nunes philosophical reflections and literary criticals, but they take over a universal character.*

KEY WORDS: *Subjectivity, Philosophical Reflections, Literary Critical.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Benedito Nunes.....	57
Figura 2 – Benedito Nunes e sua biblioteca.....	61
Figura 3 – Benedito Nunes na Universidade da Califórnia.....	62
Figura 4 – Entrevista com Benedito Nunes em outubro de 2004.....	95
Figura 5 – Entrevista com Benedito Nunes em outubro de 2004.....	102
Figura 6 – Benedito Nunes no Lançamento de seu livro “Crônicas de Duas Cidades: Belém e Manaus” em 24 de março de 2006.....	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I: O DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA.....	20
1.1 Filosofia e literatura: foco da pesquisa de Benedito Nunes.....	20
1.2 A subjetividade filosófica e literária em Benedito Nunes.....	49
CAPÍTULO II: ASPECTOS METÓDICOS E ÉTICOS QUE PRESIDEM A CRÍTICA LITERÁRIA DE BENEDITO NUNES.....	57
2.1 Benedito Nunes: a obra e o homem.....	57
2.2 O veio metódico da crítica literária de Benedito Nunes.....	65
2.3 Valores éticos e estéticos como critérios metodológicos.....	78
CAPÍTULO III: O TEMA AMAZÔNICO EM BENEDITO NUNES.....	89
3.1 A circunscrição regional.....	89
3.2 Belém: a terra, o homem e seus amores.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS.....	110

INTRODUÇÃO

A trajetória de alguns escritores com suas escolhas, corte epistemológico e leveza com que escrevem seus contos, poemas, textos literários e acadêmicos confundem-se, em muitos aspectos, com a transversalidade universal. Sempre que escolhem frases e temas, transmitindo idéias e conceitos, os escritores estão elegendo o que consideram significativo no momento histórico e cultural em que vivem.

E, assim, contribuem com o avanço da ciência e para o desenvolvimento da vida humana. Este, talvez, possa ser considerado o perfil acadêmico do escritor que elegemos para travar diálogo e conversação neste estudo que é o professor Benedito Nunes. À luz da história e da crítica literária rememoramos o padre Antônio Vieira como um eloquente pregador que mistura em sua oratória filosófica, teologia e história universal. Antônio Vieira não foi simplesmente o pregador, escreve o distinto literato contemporâneo Fernandes da Costa: “Antônio Vieira usou largamente do direito do púlpito para o exercício dos seus direitos de cidadão” (*Apud* VIEIRA, 2003, p.206).

Assim, é de nosso interesse identificar quais são os textos e escritos sobre crítica literária do professor Benedito José Viana da Costa Nunes, filósofo, crítico literário e um dos pensadores brasileiros mais conceituados, que permitem a evidência de um método de sistematização filosófica que o auxiliou e o orientou ao estabelecer sua crítica literária. Para alcançar esta meta fez-se necessária a elaboração de etapas de raciocínio que sintetizamos da seguinte forma: a escolha de duas obras suas que são “Crivo de Papel” e “Introdução à Filosofia da Arte” que nos permitiram identificar os critérios éticos e estéticos, bem como as conexões entre a Filosofia e a Literatura na visão deste pensador¹.

¹ Benedito Nunes é considerado no mesmo nível de Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto, Mário Faustino e Tristão de Athayde [Alceu Amoroso Lima] e está associado ao fascínio e gosto que nutrimos pela filosofia e suas conexões com a arte.

A escolha por Benedito Nunes reside no fato de que ele possui uma vasta experiência em análise de obras literárias, não apenas as brasileiras, mas também, outras de caráter universal. Benedito Nunes constrói sua análise a partir da universalidade filosófica e não sob a percepção de uma literatura regionalista, embora não prescindia dos temas amazônicos. Elementos como localidade, origem e aspectos culturais dos personagens compõem o quadro analítico do pensador em questão.

Este estudo parte da idéia de que a subjetividade filosófica pode ser encontrada na crítica literária. A subjetividade filosófica é aquela que transpassa a visão do crítico literário de forma subreptícia e, por este motivo, ela não deve ser vista simplesmente como uma nuance da *doxa* ou da simples opinião de forma cotidiana e difusa que parta do gosto e não gosto daquele que se encarrega do trabalho da crítica literária.

Este trabalho requer, preliminarmente, que seja aprofundada a importância de Benedito Nunes para os estudos da filosofia, especialmente para a pesquisa sobre a subjetividade filosófica. Filósofo e Professor da Universidade Federal do Pará, Benedito Nunes é considerado um grande crítico literário da contemporaneidade, elegendo para estudo autores como Clarice Lispector, Oswald de Andrade, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Mário Faustino. A referência destes autores como objeto de estudo de Benedito Nunes é relevante na medida em que são escritores brasileiros que possuem uma filiação literária focada nos problemas do nosso país, enraizado na nacionalidade e na busca de uma identidade brasileira.

A subjetividade é um elemento muito presente na crítica literária, mas é pouco explorada como objeto de estudo, especialmente nesta particularidade da visão de Benedito Nunes que parece ser desbravadora. Sem dúvida, este é um trabalho difícil e ousado, mas é instigante e curioso porque busca desvendar e conjecturar uma noção de subjetividade que num primeiro instante pode aparentar ser bastante ampla, mas que numa leitura mais detida das evidências e não-evidências nos conduz à sua identificação dentro da crítica literária que, em última análise, é uma abordagem filosófica. É assim que a filosofia possibilita o estabelecimento de um método de análise daquilo que no

olhar da simples opinião, não seria possível julgar. Em outras palavras, possibilita ao crítico elaborar sua visão através de seus conhecimentos científicos.

Todo conhecimento adquirido pressupõe um raciocínio fundado em fatos particulares, que muitas vezes podem enveredar por sínteses genéricas, funcionando como uma espécie de circuito fechado, com forte tendência a construir idéias conclusivas.

O estudo da subjetividade aqui desenvolvido está alicerçado num sistema filosófico que admite outra realidade além do sujeito pensante, mas não se confunde com a subjetividade das manifestações da alma ou dos fenômenos presentes na teia de relações do homem. Interessa-nos identificar a subjetividade filosófica e não a psicológica. Afinal, a reflexão sobre a linguagem supõe uma unidade não só teórica, mas também representativa que só a filosofia nos permitiria uma compreensão mais nítida ao tentarmos fazer uma interpretação de um discurso elaborado por outrem (NORONHA, 1997).

A subjetividade presente na crítica literária expressa-se a partir de procedimentos metodológicos e ferramentas de análise interpretativa, uma vez que parece impossível afastar o crítico literário das apreciações de cunho pessoal envolvendo certas elucubrações, sentimentos, emoções, pressupostos, preconceitos e generalidades que podem remeter-nos aos juízos apriorísticos e errôneos sobre a obra em análise. A impossibilidade de separação desta relação revela a inexistência da neutralidade ou imparcialidade no exercício de julgamento e avaliação de um texto.

Logo, somente a adoção de um método bem “rígido” poderá evitar que o crítico faça uso extremado da sua subjetividade no ato analítico de um determinado texto. A dificuldade se impõe no momento da separação do eu frente ao objeto.

Para proceder à pesquisa sobre a subjetividade, tomamos como referência primordial a obra Crivo de Papel publicada em 1998, a qual contém uma coletânea de quinze ensaios, que nos permitiu compreender a análise literária mediante uma perspectiva filosófica. Benedito Nunes propõe que tanto a filosofia como a literatura se

cooperam, indagam-se, auxiliando-se reciprocamente. Todos os ensaios têm como foco a literatura, mas diante de uma visão filosófica.

A obra *Introdução à Filosofia da Arte* publicada em 1991 nos forneceu elementos conceituais importantes para o entendimento da relação entre Filosofia e Literatura. Esta se assemelha a um manual sobre como compreender o pensamento de Benedito Nunes. É composta por definições de termos contidos tanto na Filosofia como na Literatura. Enfatiza a estética e a ética na visão de diversos filósofos e estudiosos da arte. Aqui, Benedito elabora conceitos, destrincha outros, mas enfoca que as manifestações artísticas devem seguir uma seriedade filosófica, diretamente relacionada com o caráter reflexivo e crítico que elas apresentam, como é o caso da literatura (NUNES, 1991, p.123). A associação entre a Filosofia e a Literatura permite transformar o mero imaginativo numa experiência metafísica² e, porque não, fenomenológica.

A subjetividade aqui estudada está circunscrita à ciência da conduta, ao denominado *ethos*, que consubstancia os caracteres mais intrínsecos e extrínsecos da personalidade. Caracteres estes, que se exteriorizam através das palavras, da leitura e do pensamento exigindo uma regularidade formal, ou seja, regras que auxiliam a formação do pensamento. No entanto, nem sempre o crítico literário possui consciência da utilização contínua de um método de análise e de uma sistematização que o identifique com alguma tendência filosófica.

O intuito é demonstrar que tanto a filosofia como a crítica literária auxilia na compreensão da realidade. A subjetividade surge como peculiaridade do sujeito, a qual é passível de ser visualizada sob dois aspectos: a partir do olhar filosófico ou, simplesmente, a partir do olhar crítico-literário. Benedito Nunes alia estes dois aspectos aos seus estudos críticos.

² A metafísica refere-se a tudo aquilo que existe e que está para além do mundo físico, portanto, não passível de comprovação no mundo real.

Ressalte-se que o problema que se afigura é o da existência ou não de uma sistematização filosófica na crítica literária, a partir de uma interpretação dos escritos filosóficos de Benedito Nunes.

A questão central que se coloca a este estudo é verificar quais os critérios que Benedito Nunes utiliza na elaboração de suas críticas literárias: como procura olhar, depurar, valorizar e criticar o texto literário; que critérios são mais constantes em suas críticas; como ele conceitua e aplica os critérios éticos e estéticos na crítica do texto literário.

O propósito deste trabalho consiste, portanto, em identificar os elementos de conexão entre a Filosofia e a Literatura nos estudos literários de Benedito Nunes, apontando o método por ele adotado e o aspecto de subjetividade do crítico frente ao estudo realizado.

A indagação que fizemos desde o início de nossos estudos em Benedito Nunes consistia em saber se é possível o crítico basear-se num método para proceder a seu julgamento, a fim de evitar suposições improváveis sobre a existência de qualquer outra coisa presente no objeto de análise. E, de antemão, pode-se dizer que a crítica literária estabelecida pelo filósofo Benedito Nunes é acompanhada por um método científico que é a hermenêutica.

Sob o rigor científico da hermenêutica, a filosofia contemporânea de Paul Ricoeur (1978) compreende a interpretação como algo que transcende a finalidade de abrir-se a um sentido. Busca também decifrar expressões lingüísticas, perceber uma estrutura e um código, um sentido onde justamente se revelaria a renovação da fenomenologia pela hermenêutica.

Mas, por que a hermenêutica? Em primeiro lugar, porque o hermeneuta é aquele que se propõe a interpretar ou comentar o sentido das palavras conforme o que elas significam por si próprias. De forma hermética, fechada, procura não permitir que aquilo que é pessoal faça parte do interpretador e que interfira na técnica interpretativa. Como

nos lembra Benjamin (*Apud* ROCHLITZ, 2003, p.72) “toda obra de arte possui em si um ideal *a priori*³, uma necessidade de sua presença”.

Há de se considerar que o método em questão é acessível apenas àquele que possui a chave para interpretar o texto. Se o leitor perguntar que chave é esta, dir-se-ia que a chave está na formação, contexto e trajetória de vida do crítico. Por exemplo, todos nós não somos obrigados e nem temos condições de conhecer todo e qualquer assunto. Então, só tem a chave o sujeito que possui um campo de consciência ou conhecimento, ou seja, aquele que conhece uma determinada área do saber e tem um cenário de domínio próprio sobre determinado assunto.

O caminho metodológico adotado nesta pesquisa consistiu, como já afirmamos anteriormente, na escolha de duas obras de Benedito Nunes que são Crivo de Papel e Introdução à Filosofia da Arte. Procedemos a uma leitura acurada destas duas obras complementada pela leitura de outras obras desse pensador. Fomos, então, demarcando os critérios éticos e estéticos percebidos na leitura das duas obras, identificamos o método utilizado pelo nosso autor e a forma como ele trata a relação simbiótica entre subjetividade filosófica e subjetividade literária. Por fim, realizamos uma entrevista com Benedito Nunes, a qual nos foi de grande valia e importância.

Numa leitura detida e passadas às revistas várias vezes sobre o tema da subjetividade filosófica na crítica literária, foi possível identificar os dois centros considerados focos metódicos das análises literárias de Benedito Nunes. De um lado, a hermenêutica utilizada pelo nosso autor como método compreensivo do *cogito*⁴ e do ser, de outro, a fenomenologia (ontologia) que coloca a si mesma a tarefa da filosofia reflexiva e que foi aqui utilizada para prosseguir minhas investigações sobre a crítica literária.

³ O *a priori* refere-se a tudo aquilo que é concebido como universal, imutável e verdadeiro. Algo que se sabe ser válido antes de experimentado (ABBAGNANO, 1999, p.228).

⁴ O *cogito* exprime a auto-evidência existencial do sujeito pensante, isto é, a certeza que o sujeito pensante tem da sua existência enquanto tal (ABBAGNANO, 1999, p.148).

Descobrimos que a longa via de interpretação do pensamento de determinado sujeito é a via intelectual. A hermenêutica para Nunes, é vista como o caminho necessário para atingir o sujeito. E a fenomenologia, aqui compreendida diz respeito a uma autêntica filosofia reflexiva, “que investiga os objetos da experiência sem levantar o que poderiam ser questões irrespondíveis sobre sua natureza independente” (HUSSERL *apud* MAGEE, 1999, p.229).

A interpretação de um texto não começa do grau zero da escrita ou de um patamar de sentido nulo a ser preenchido. Começa com uma determinada perspectiva, com referências, onde a interpretação avança e completa os contornos do que se busca.

A estrutura da dissertação assentou-se em três capítulos: o primeiro capítulo busca estabelecer um diálogo possível entre Filosofia e Literatura, a partir da abordagem de Benedito Nunes, ao mesmo tempo em que procuramos identificar como o crítico emprega o conceito de subjetividade na filosofia e na literatura.

O segundo capítulo traz uma discussão sobre os aspectos metódicos e éticos que presidem a crítica literária de Benedito Nunes. Aqui, o propósito consiste em situar a vida e a obra de Benedito Nunes, a sua formação filosófica e literária; a forma delicada e criteriosa como ele emprega a sua subjetividade na análise de um texto e o veio metódico de sua crítica literária. Sabemos que a subjetividade é formada pelo contexto do autor, por isso, sua formação influi nas suas opiniões sobre o texto de outrem. Dito de outra forma, a subjetividade do crítico vem juntar-se capilarmente à metodologia interpretativa que ele utiliza gerando um universo mais amplo de possibilidades para a crítica. Neste capítulo destacamos, ainda, o veio metódico da crítica literária de Benedito Nunes e os valores éticos e estéticos que o mesmo utiliza como critérios metodológicos, ou seja, quais são as concepções éticas e estéticas que presidem a sua crítica literária. A intenção é verificar o que estes valores “dizem” ou “pretendem dizer” enquanto critérios metodológicos e como eles subjazem aos textos literários.

O terceiro capítulo enfatiza o tema amazônico em Benedito Nunes: a circunscrição regional que forma seu pensamento, seus conceitos sobre regional e regionalismo. Aqui,

buscamos perceber a forma pela qual Benedito Nunes vê a cidade de Belém, a terra, o homem e seus amores. Ao término deste capítulo estabelecemos um diálogo direto com o autor, objeto de nosso estudo, através de uma entrevista concedida a esta pesquisadora. Neste diálogo de insigne importância procuramos perceber o modo como o pensador aborda o tema amazônico na sua crítica literária.

Por último, faremos algumas considerações finais sobre o assunto desenvolvido, esperando poder ter contribuído para o surgimento de outros estudos sobre Benedito Nunes, que é hoje um pensador universal, embora enraizado na Amazônia brasileira.

CAPÍTULO I – O DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA

1.1 Filosofia e literatura: foco da pesquisa de Benedito Nunes

Neste primeiro capítulo, será abordada a possibilidade de diálogo entre a Filosofia e a Literatura. Para tal, a ênfase será dada às obras: Introdução à Filosofia da Arte, escrita em 1991, Crivo de Papel, escrita em 1998 e Heidegger & Ser e Tempo, escrita em 2002, todas por Benedito Nunes.

Introdução à Filosofia da Arte (1991) assemelha-se a um compêndio sobre o como interpretar textos literários sob uma perspectiva filosófica, obviamente de acordo com a visão de Benedito Nunes. Já, Crivo de Papel (1998) é constituída por uma coletânea de ensaios, ao total quinze, que tentam aliar com propriedade a análise literária a uma perspectiva filosófica, remontando o pensamento filosófico antigo até o contemporâneo, como também, discorrendo paralelamente sobre os requisitos necessários a esta análise e sobre tópicos da literatura brasileira que permitem o destacar a análise literária no contexto filosófico.

Quanto Heidegger & Ser e Tempo (2002), permite uma rápida e singular leitura sobre os conceitos heideggerianos acerca do que vem a constituir a capacidade interpretativa do ser humano, no que se refere à subjetividade. Aqui, a ênfase é atribuída à subjetividade filosófica.

Para ilustrar e dialogar com o pensamento de Benedito Nunes, toma-se por alicerce alguns filósofos que fizeram parte de sua vida acadêmica, como Martin Heidegger e Paul Ricouer e outros, que também, são-lhe objetos de estudo, como

Immanuel Kant e Michel Foucault, que sem dúvida, contribuíram para a formação de sua subjetividade filosófica.

A relação entre a realidade do discurso no pensamento filosófico é assaz antiga assumindo, pois, variadas formas no curso da história. É possível encontrá-la em vários temas que nos são familiares, inclusive nos temas regionais. A prática da leitura nada mais é do que o desenvolvimento da compreensão das possibilidades, o que nos induz a concordar com Benedito Nunes (1998, p.90) quando afirma que,

não há compreensão de si sem compreensão dos outros e do mundo; e compreender-se compreendendo o mundo desta ou daquela forma, assim podendo o homem responder a diferentes situações interpretativas.

Tal postulado se fundamenta no princípio da contextualidade, segundo Benedito Nunes, ou seja, do contexto, ou melhor, a realidade de quem interpreta influenciará na compreensão daquilo que o sujeito lê. Salientado que, do outro lado do espelho, ocorrerá o mesmo, explicando melhor, o contexto ou realidade de quem escreve, exercerá influência no discurso literário.

A filosofia está em todas as partes e sem ela é impossível elaborarem-se idéias significativas que articulem e construam nossa realidade, pois é a linguagem filosófica que torna possível o surgimento das indagações sobre as questões dialéticas que circundam o universo humano. Neste estudo, busca-se estabelecer um diálogo entre a filosofia e a crítica literária, precisamente no âmbito da subjetividade, com o intuito de perceber os nexos de conexão que existem entre esses saberes.

A literatura enquanto crítica literária possui duas vertentes conexas. São estas: o discurso de representação da subjetividade do narrador e provavelmente do leitor, enquanto crítico literário; e a prática de investigação teórica das formas concretas particulares, ou seja, das obras em que esse discurso se produz. Nunes (1998, p.90) comenta em Crivo de Papel no ensaio “Poética do pensamento” que,

a compreensão do ser, que também se antecipa não só nas formas de conhecimento científico e filosófico como em toda conduta humana, e que está implícita no uso da linguagem, apenas particularizada para o hermeneuta a situação interpretativa comum a que todos vivemos.

Assim, elaborar a crítica corresponde a uma prática teórica e a teoria que corresponde a tal prática presta preliminar reconhecimento ao efeito contemplativo no texto literário. Portanto, crítica e teoria não são significativas se não se conhecer a estrutura que ambas operam, e por que sorte de fatores inerentes à construção singular da obra pode o ato da leitura desartar-lhe o efeito estético.

Conhecer, discorrer e discordar do literário é apreender as razões de nossa singularidade subjetiva. Essa singularidade nos auxilia na tradução do discurso das obras literárias em múltiplas interpretações compatíveis entre si, e que se constituem em função dos sentimentos que provocam no leitor através da leitura.

Ressalta-se que, neste processo, a leitura funciona como um objeto de juízo estético e reflexivo da realidade, uma vez que “a obra de arte, que é aparência, constitui precisamente uma medida valorativa das próprias coisas: revela-nos a atitude fundamental que o artista assume diante de si mesmo e do mundo” (NUNES, 1991, p.58).

Mas, devemos lembrar que “os homens se iludem se acreditam serem livres” (SPINOZA *apud* MAGEE, 1999, p.94). Benedictus ou Baruch Spinoza foi visto como um precursor da crítica literária e da história da bíblia, conhecida também, como alta crítica. Para ele, a crítica se preocuparia com três questões: estrutura literária, data e autoria. E, a realidade vista sob a ótica humana consistiria em dois tipos: material e mental (SPINOZA, s.d.).

A cotidianidade, a realidade material é o lugar da *doxa* ou do conhecimento comum do vivido e experimentado pela coletividade. Portanto, perseguir o nexos entre a ordem das estruturas e a ordem dos acontecimentos na obra literária permite a

observância do ponto chave da transação do discurso literário com a realidade. O fato de esse conhecimento partir de pontos de vista singularizados não quer dizer que ele foi construído somente por uma visão particularista. Esses conhecimentos, também podem ou não, ser os mais adequados para balizar concepções de mundo, do mesmo modo que podem ser adotados por um grupo ou coletividade que compartilha das mesmas idéias e gosto crítico literário.

Costa (2001, p.47), em *A poética de Aristóteles: Mimeses e Verossimilhança*, afirma que “ocorreria uma variação conforme as situações, os sujeitos e as mutações da realidade”. Consequentemente, as variações das situações cotidianas se associam às concepções éticas e morais envolvendo uma análise do *ethos*, ou melhor, das concepções éticas e morais que são construídas na subjetividade do sujeito.

Benedito Nunes (1998, p.176) completa esta reflexão dizendo que,

o leitor já enfrenta atravessando os estreitos corredores da ortodoxia ou cumprindo uma obrigação piedosa. Toda experiência renovadora a partir deles é discordante ou herética.

Observa-se, ainda, que não se está procurando modelos culturais exemplares e coletivos na crítica literária, mas não se pode deixar de perceber que os modelos culturais antecipam-se em nós mesmos. Pois, todo indivíduo é depositário de um *ethos* erguido num modelo cultural, ortodoxo e coletivo que se torna herético⁵ enquanto modelo pessoal. Esses modelos são vividos no âmbito do consciente, espelhados em modelos coletivizados que se somam aos desejos de ordem singular que o próprio indivíduo não pode discernir conscientemente.

A subjetividade na crítica literária constitui-se objeto de investigação, pois os autores literários lançam mão de um saber ficcional que pode possuir um entrelaçamento com o cotidiano. Uma dada realidade vivida ou desejada por um sujeito real que é o

⁵ Herético, mesmo que herege, uma vez que o indivíduo possui concepções próprias que podem divergir ou serem consideradas como hereges aos olhos da coletividade.

escritor, poderá coincidir com a realidade vivida ou desejada por outro sujeito que também é real, o leitor.

A busca do ponto de conexão da subjetividade na crítica literária com a subjetividade filosófica representa um desafio, pois ao mesmo tempo em que há um centro fixo e vibrante nessa relação, há também um ponto que anula e renasce das contradições entre o idealismo e o realismo filosófico. O idealismo impulsiona a imaginação do leitor, mas é reelaborado e resignificado num ato permanente e de renovada leitura sobre o outro e sobre si mesmo enquanto ser-no-mundo.

Não obstante, deve-se notar que há algo que parece diferenciar a subjetividade na filosofia e na crítica literária. Trata-se da leitura que se faz desta subjetividade e a necessidade do outro na construção da mesma. A leitura do subjetivismo do outro, como referência para construir uma narração, descrição ou dissertação traz consigo pré-conceitos e contextualizações. Segundo Nunes (1998, p.178) “ao leitor, na posição de quem cumpre uma tarefa intelectual, como agente de um saber teórico a partilhar com os outros, faltaria o conhecimento do particular, do individual, da subjetividade, dos sentimentos, que só a Literatura pode transmitir”.

O que ocorre é uma unidade dialogal, entre o leitor e o texto literário. Assim, nem o pensamento é puro constituído, nem a questão (o texto literário) é pura constituição (HEIDEGGER, 2000).

Isso leva a pensar que não há necessariamente a obrigatoriedade em considerar a subjetividade do escritor em relação à subjetividade do leitor e vice-versa, mas essa relação está presente na crítica literária.

A linguagem literária torna-se instrumento de comunicação que promove elos de entendimento e discernimento intersubjetivo e intra-subjetivo. Mas estes devem ser bem argumentados à base de hipóteses que dão rigor aos critérios investigativos da comunicação. Isto, porém, não impede que ocorram áreas de zoneamento na comunicação que podem ser limitantes ou propulsoras do autoconhecimento e do reconhecimento do outro.

A experiência estética do discurso literário se concretiza na prática social dos significados e das representações subjetivas que envolvem a perspectiva cultural do intérprete que, através da *mimese*⁶ e da ética, elabora o esquema da ficção sob os auspícios da imaginação como o caminho da intuição e do conceito.

Cabe aqui, falar da atuação Estruturalista⁷, a qual fornece sustentáculos ao subjetivo, todavia, não é visto como alternativa para abordar a problemática do sujeito, mas como algo indispensável para enriquecimento da filosofia reflexiva, proporcionando sentido a mesma, através da veracidade e do metodológico. Na visão de Lévi-Strauss (1975) “para alcançar o real, é preciso primeiro repudiar o vivido”. Isto é, o objeto científico deve ser arrancado da experiência da impressão, da percepção espontânea.

Por intermédio da crítica literária o intérprete ultrapassa o meramente empírico, experienciado, vivenciado, fornecendo uma base intuitiva do conceptual. Este fato, porém, pode distanciá-lo dos dados imediatos suspendendo os componentes ideológicos das representações, determinando o deslocamento dos signos. Para Nunes (1998, p.178) “os textos literários são considerados obras de discurso, as quais os poetas abolem e destroem o mundo circundante, cotidiano, graças à função irrealizante da imaginação que os constrói”.

Ao verificar alguns aspectos que marcaram o interesse de Benedito Nunes pelo tema da subjetividade filosófica, notamos que é possível o diálogo entre filosofia e literatura.

Para Benedito Nunes, a crítica literária não se limita à contra-argumentar o que o escritor elabora sobre determinado assunto. A apreciação crítica de um texto literário também pode ser florida, fantasiosa, na visão do crítico, fazendo surgir plumas e paetês

⁶ Mimese vem do grego mimesis, imitação. É a imitação de uma presença subjetiva. Conceito aristotélico que fundamenta toda a Poética (MOISÉS, 1974, p.335-337).

⁷ Entende-se pelo termo estruturalismo, todo método ou processo de pesquisa que, em qualquer campo, faça uso do conceito de Estrutura em dois sentidos esclarecidos (ABBAGNANO, 1999, p.377).

provavelmente, originários da subjetividade de quem lê e interpreta. Isso também é crítica literária.

Pode-se dizer, então, que há um diálogo intersubjetivo entre aquele que lê e aquele que escreve. Trata-se de uma espécie de diálogo que autoriza a razão daquele que lê a estabelecer conclusões e raciocínios através do jogo da linguagem literária, neste caso, entre o crítico literário e a obra analisada. Mas, como seria possível estabelecer uma análise sobre a subjetividade daquele que se propõe a examinar a subjetividade do escritor?

Em Crivo de Papel, Benedito Nunes (1998, p.162) comenta que “o diálogo é a forma literária, escrita, mas a dialogação é o estar um diante do outro da conversa daqueles que se interrogam, confrontados a si mesmos e ao mundo”.

Para entender melhor a habilidade discursiva do crítico literário (dialogação⁸) é necessário empreender um estudo aprofundado do pensamento do crítico, no que se refere à constituição da subjetividade, uma vez que o diálogo, enquanto forma literária estimula a dialogação da subjetividade que, conseqüentemente, promove um processo dialético do pensamento, opiniões e pontos de vista, transformando-se num filosofar que questiona e contra-argumenta.

Na contra-argumentação de teor filosófico apresentada por Benedito Nunes é possível identificar o esforço deste pensador em constituir um processo do subjetivismo aplicável às regras lógicas que autorizam de forma acadêmica e científica a aceitação de conclusões de raciocínio.

Observar como funciona o pensamento do crítico, ao descrever, ou melhor, ao evidenciar o entrelace entre a crítica literária e a filosofia exige ater-se aos fatos discursivos. É tarefa interessante, mas deve ser atenta, à medida que a análise do pensamento subjetivo crítico é diferente da análise da língua.

⁸ O termo **dialogação** é utilizado por Benedito Nunes para referendar o subjetivismo entre o diálogo do crítico literário e da obra literária.

Sobre o entrelaçamento entre o diálogo e a dialogação, Nunes (1998, p.164) comenta que “a contenda agora é com os textos, que por sua vez conversam com o mundo ou entre si em controvérsia”. Tal afirmação conduz o pensar a existência de uma regra de formação, de uma sistematização do pensamento crítico, ainda que controverso.

Torna-se mister seguir o pensamento de Benedito Nunes rente ao foco de sua pesquisa – a Filosofia e a Literatura – para compreendermos a construção da subjetividade na crítica literária deste pensador à guisa de identificação do método interpretativo que utiliza.

O ponto de partida da crítica literária está no olhar. O olhar, por sua vez, deriva de um sentimento originário que reduz o outro à condição de objeto. Por trás do olhar do outro há uma consciência. É por isso que o olhar da subjetividade é exterior ao crítico. Sob este ponto de vista pode-se inferir que a liberdade do crítico não se constitui num ato tão livre.

Parece haver um caminho de entendimento que sistematiza o pensamento e, como diria Foucault (2000, p.46) “nunca há, se vocês querem, um *interpretandum* que não seja já *interpretans*”, o que nos leva a concluir que os intérpretes também podem ser interpretados pelas suas próprias técnicas de interpretação. Em outras palavras, Foucault quer dizer que todo intérprete, leitor, também está passível de interpretação.

O sujeito que escreve e formula seu pensamento sobre um determinado texto recorre, via de regra, à sua visão de mundo e ao acúmulo de conhecimento que possui. É este referencial teórico e as experiências vividas que dão embasamento aos seus argumentos. Nenhum escritor é neutro em seu ponto de vista porque ele se forja, se faz, em meio à experiência do mundo da vida (THOMPSON, 1980).

Num diálogo informal com o professor Benedito, em outubro de 2004, quando de sua estada em Manaus para proferir conferência na Universidade Federal do Amazonas, ele nos revelou que na Idade Média, a crítica literária não existia, vindo surgir na época do Romantismo (século XVIII), pois os românticos avaliavam a obra literária sob os seguintes aspectos: o que visa, o que trata e qual o seu valor.

Hoje a crítica literária encontra-se em crise, adverte Benedito Nunes:

antigamente, havia jornais específicos somente sobre crítica literária. Tinha-se Álvaro Lins, Tristão de Athayde, Mário Faustino que publicavam nos jornais seus artigos literários ainda não editados, quando tinham números suficientes de artigos. No Brasil, a crítica literária surgiu como matéria de jornal até a década de 50 e, por questão de espaço nos jornais, a crítica foi retirada. Hoje, só se informa sobre as obras publicadas (Conversa informal, 2004).

“A crítica hoje é neutra”, segundo o professor Benedito. Percebe-se que o pensador utiliza o termo neutralidade para deixar claro que a análise crítica não toma partido entre interesses opostos, tornando-se imparcial. Ela deseja interpretar sob a direção de um método. Mas, a crítica não poder ser neutra em si mesma, de vez que incorpora e/ou agrega valores de subjetividade do próprio crítico.

A questão é: que técnica ou método é capaz de interpretar a obra pela obra, por si mesma, utilizando como verdade ela própria? Na crítica literária procura-se uma verdade, mas nem toda literatura é uma verdade. Adentra-se então, no campo da filosofia, uma vez que esta visa uma verdade, coincidindo com o pensamento crítico literário que deseja avaliar a verdade da obra, sem perder de vista a liberdade daquele que elabora a crítica.

Para Torres (2005, p.261),

a filosofia é tida como a síntese da liberdade maior, à medida que o sujeito busca o conhecimento e a utopia acima de todas as coisas. O personagem Próspero de Shakespeare encarna essa perspectiva racional ao demonstrar interesse pela filosofia, pois, para ele, liberdade consiste em voltar para o conhecimento ou para a Torre de Marfim.

É assim que, a subjetividade daquele que elabora a crítica, se mescla com a daquele que escreve. Mesmo assim, é possível separá-los? Ou, ao menos diferenciá-los um do outro, estabelecendo zonas limites de convergência e divergência?

Em face de um raciocínio crítico ou filosófico é possível estabelecer uma verdade de tudo aquilo que resulta da verdade, afinal “é o homem que filosofa, empenhando sua vida na Filosofia” (NUNES, 1998, p.170).

Na crítica há algo que cria a subjetividade, a partir da própria crítica, da subjetividade de quem escreve e de quem critica, através da leitura. Para Nunes (1998, p.175) “a prática da leitura seria um adestramento reflexivo, um exercício do conhecimento do mundo, de nós mesmos e dos outros.” A obra é dirigida para o leitor e nessa perspectiva a obra literária é geradora da subjetividade. Por outro lado, a subjetividade afasta o indivíduo da realidade, uma vez que a crítica literária pode ser derivada do autor, do leitor e da própria obra.

É lugar comum a constatação de que o leitor de crítica literária é um leitor especial, pois quem se interessa pela literatura e quem lê a crítica é considerado um leitor de uma segunda visão, ou seja, de uma visão diversa do autor, no sentido da interpretação da obra. Mas como sistematizar uma crítica mediante um método?

Para Benedito Nunes, não se utiliza um único método. Antes de se valer do método interpretativo é preciso situar a obra, o que faz pensar-se na utilização de um método histórico. Tal observação leva a conjeturar-se sobre o possível diálogo entre a filosofia e a literatura, uma vez que ambas utilizam a história para se situar e de um método interpretativo para avaliar as coisas, no caso da filosofia, e as obras, no caso da crítica literária.

Benedito utiliza da interpretação, da historicidade para dialogar entre a filosofia e a literatura, mas o que facilita sua tarefa é o método filosófico hermenêutico. Sem prejuízo das aproximações e entrelaçamentos entre a Filosofia e a Literatura, é a hermenêutica que surge como opção à prática da crítica literária e a capacidade imaginária do autor literato. De acordo com Benedito Nunes (1998, p.88),

os hermeneutas não negam a validade do conhecimento teórico. Mas ao descartar-lhe a importância exclusiva, fazem-no argumentando que o fundamento de seus princípios recorre a pressuposições inaclaradas a respeito da realidade do homem.

Segundo Heidegger em Ser e Tempo “somos entidades a serem analisadas”, obviamente dentro de uma circunscrição que é a realidade. Daí, a importância da tarefa da hermenêutica, que de forma hermética, fechada se propõe a designar qualquer doutrina difícil ou acessível apenas a quem possua uma chave para interpretá-la (ABBAGNANO, 2000, p.498).

Há de se considerar que algo auxilia a formação da subjetividade do indivíduo, algo que lhe é externo, mas que, paulatinamente, estrutura o pensamento humano, ao menos no que se refere à abordagem em questão, ou seja, quanto à opinião e à crítica literária.

Não se pode deixar de reconhecer, como vimos anteriormente, que o crítico lança mão de sua visão de mundo e do acúmulo de conhecimento que estruturam seu pensamento. Este conjunto de caracteres auxilia a formação da subjetividade do crítico, algo que lhe é externo, mas que, paulatinamente, forma o pensamento humano, incluindo a abordagem em questão, ou seja, quanto à opinião e à crítica literária.

As formas de abordagens da crítica, no que diz respeito à apreciação e valoração dos textos literários, procuram expressar o que elas “dizem” ou “pretendem dizer”. Desta forma, o pensar crítico reflete a alma humana na apreciação crítica, deixando que o analista ou o crítico permaneça no seu texto, se mostre através dele, por ele, chegando até o outro lado, o seu leitor, não dispensando para isso todos os requisitos necessários à construção de uma crítica fundamentada e que se distancie do subjetivismo psicológico e do mero senso comum.

Na prática da crítica literária proveniente dos escritos de Benedito Nunes, percebe-se a ocorrência da elaboração de uma retrospectiva de estudos filosóficos, que vão desde Platão até a contemporaneidade, especialmente, nos ensaios de Crivo de Papel. E nesses estudos, surge uma precaução aparentemente excessiva sobre uma questão: Qual a função da filosofia? Para que ela serve se o filósofo não sabe senão que nada sabe?

A essa indagação, considerada o ápice da sabedoria em Sócrates, outras se seguem. Mas é no período medieval que ela se torna novamente crítica, segundo Benedito Nunes, no sentido de crise, uma vez que a postura de um filósofo deve ser de constantes indagações a procura de descobertas diante do mundo em que vive e de si mesmo.

E entre literatura e filosofia? Como é possível identificar a função do pensamento filosófico nos textos literários?

Nosso autor toma o partido da razão tentando submeter limites que restringem e garantem, ao mesmo tempo, a liberdade do pensamento. Considera que o crítico literário possui o seu ponto de vista e não descarta a ação valorativa provinda dessa crítica. Surge, então, a importância da ética na leitura. Fala-se de ética no sentido de respeito à intencionalidade do texto. Na literatura, “as palavras e as frases são as primeiras ‘camadas’ do sentido. Destas se descolam representações” (NUNES, 1998, p.179).

Por sua vez, a filosofia ao investigar a literatura como fenômeno, uma concretização, vai descobrir que a subjetividade, ou seja, o “desprezamento” da vida do real é a substância⁹, seu componente diferenciador. A utilização do “desprezamento” tem como finalidade, deixar de lado algo que não funcione como uma interveniente na análise crítica literária.

Tematizar essa complexa relação, entre a Filosofia e a Literatura, exige da parte do autor um ponto de vista que possa imbricar, simultaneamente, a explicitação das tensões entre essas duas figuras constitutivas do espírito do homem ocidental: o pensamento humano de teor filosófico e o pensamento crítico literário, ambos analíticos. Uma forma de elucidação dessa relação encontra-se na subjetividade filosófica inspirada em Heidegger, ao menos é o que se pode notar na crítica literária de Benedito Nunes.

Aqui, a dialética direcionada à subjetividade vincula-se àquilo que se acredita, ao que se aprecia, obviamente, ao que se critica. No entanto, a subjetividade deve estar

⁹ O termo substância, em filosofia, se refere a uma estrutura necessária, daquilo que realmente é ou representa.

fundada num método de análise e necessita, portanto, estar constituída por regras que estruturam o pensamento, estabelecendo entrelaces cuidadosos para que aquele que lê a crítica entenda o funcionamento do seu pensamento, ou seja, seu ponto de vista em relação ao lido.

Benedito Nunes parece buscar em Heidegger o que lhe interessa. Os textos de Heidegger são cuidadosamente entrelaçados, e a clareza que reveste os conceitos se diz tanto mais admirável quando se pensa na dificuldade que o leitor enfrenta diante das páginas escritas por este pensador, quando define que “pela transformação do ser humano em ‘sujeito’ para quem o mundo se torna uma representação de objetos” (SAFRANSKI, 2000, p.348).

Apenas o homem entre todos os seres, quando interpelado pela voz do ser, experimenta a maravilha de todas as maravilhas: que “o-que-é é”, portanto todo e qualquer homem torna-se uma entidade a ser analisada e, para Martin Heidegger, esta análise parte da existência da qual temos consciência imediata da inseparabilidade do ser do mundano que ele denomina *Dasein*¹⁰.

Sobre a análise heideggeriana do ser, Nunes em Heidegger & Ser e Tempo, deixa claro que,

o *Dasein* é o ente que compreende o ser, o que significa compreendê-lo em sua existência e entender a existência como possibilidade sua, de ser ou não ser si mesmo, com a qual está concernido. Se o *Dasein* é um ente, é um ente que põe em jogo o seu próprio ser (NUNES, 2000, p.12).

A questão aí colocada pode ser aludida à questão interpretativa, pois os textos que bem ou mal são interpretados pelo leitor, não param de incitar a investigação filosófica e seguem as veredas da compreensão do ser na crítica literária. Mas antes de qualquer coisa é necessário o entendimento da contextualização desse ser, o que ratifica o princípio da contextualidade descrito por Nunes em Crivo de Papel e no ensaio Poética

¹⁰ *Dasein* é um ente que compreende o ser, é aquele que, em virtude de seu próprio ser, tem a possibilidade de colocar questões (NUNES, 2002, p.13).

do pensamento (1998, p.90) “a interpretação é, pois, circular, implicando um movimento de vaivém das partes ao todo previamente compreendido”.

No livro *Heidegger & Ser e Tempo* (2002), a clareza expositiva de Benedito Nunes permite ao leitor a compreensão de textos discursivos com inteligibilidade de conceitos fundamentais do pensamento heideggeriano, sem que para isso seja necessário assumir os pressupostos que esse pensamento parece exigir, que é a superação da linguagem metafísica, uma vez que, segundo Nunes (2002, p.42) a “verdade residiria no Dasein”.

Assim, o leitor torna-se a chave da análise do texto discursivo à medida que o conhecimento reside no próprio ser. Trata-se do conhecimento de si próprio conforme sugere Heidegger “nós somos as entidades a ser analisadas”. O hermeneuta, portanto, teria que ter o cuidado de separar o que faz parte de si próprio, o que faz parte do conhecimento científico e o que faz parte do outro.

Em *Crivo de Papel* (1998), estas reflexões filosóficas estão postas à experiência de leitura e reflexão de Benedito Nunes, que procura aliar a análise literária à análise filosófica. Como sabemos, *Crivo de Papel* é composta por quinze ensaios sendo que alguns trazem o tema da literatura e os argumentos filosóficos elaborados. Na verdade, configura-se numa coletânea de ensaios. Benedito Nunes, provavelmente, denomina “ensaios” pelo fato de reconhecer ser um experimentador humilde dos entrelaçamentos que estabelece entre a filosofia e a crítica literária.

A literatura possui um papel central na estética que continua a ser a preocupação da filosofia da arte. E a sua maior preocupação continua a ser, assumidamente, a determinação da natureza da arte, que possa ser formulada por meio de uma definição.

Em *Introdução à Filosofia da Arte* nosso autor comenta que,

a Filosofia da Arte, que não dispensa pressupostos estéticos, uma vez que estabelece um diálogo com aquelas produções artísticas esteticamente válidas [...] para levantar problemas de índole geral, requeridos pelo dinamismo da reflexão filosófica (NUNES, 1991, p.16).

Na visão de Benedito Nunes a arte se apresenta como a afirmação das propriedades necessárias e suficientes daquilo que está a ser definido, como se uma afirmação pudesse dizer algo de verdadeiro ou falso acerca da essência da arte, acerca daquilo que a caracteriza e a distingue de todo o resto.

Cada uma das grandes teorias da arte - formalismo, voluntarismo, emocionalismo, classicismo, romantismo, intelectualismo, intuicionismo, organicismo - converge para a tentativa de enunciar as propriedades definidoras do que seja a arte. Ao se referir as teorias da arte, Nunes fala das teorias filosóficas que auxiliam na compreensão da arte.

Explicitando melhor essas teorias têm-se: o Formalismo como forma de valorização da aparência sensível da arte, ou seja, é, “a Arte como concreção uma forma simbólica”, no dizer de Nunes em Introdução à filosofia da arte.

O Voluntarismo na visão de Schopenhauer e Nietzsche (*Apud* NUNES, 1991, p.66) “reconhece na criação artística uma atividade de caráter cognoscitivo, que é veículo exclusivo de um conhecimento primordial, vedado à Razão”.

O Emocionalismo, segundo Nunes (1991, p.72) “registra a acepção psicológica, [...] os estados psíquicos, sentimentais e emotivos”.

O Classicismo que aparece na Introdução à Filosofia da Arte (1991, p.65), centra-se na visão de Hegel e,

representa uma das modalidades de expressão artística, que se particulariza nas diferentes artes [...], que se ajustam às condições de cada um daqueles momentos evolutivos”. Completando essa visão, “a satisfação dos interesses particulares e as suas repercussões objetivas devem, de alguma forma, encontrar um ponto de coincidência (WEBER, 1993, p.92).

Logo, na arte a subjetividade do saber e a contingência da existência exterior são independentes por si, mas, ao mesmo tempo, estão contidos e conservados em suas essências.

A concepção romântica, segundo Nunes (1991, p.66), valendo-se da visão hegeliana, “é a suprema ironia do espírito, sob aparência sensível, [...] o Espírito

expressa, na arte, o que está muito acima da matéria e da sensibilidade”. O Espírito, aqui comentado, faz com que o pensamento seja o que é, ou melhor, o que é distintivo a seu respeito. E essa distinção é importante na filosofia, diferencia o espírito que pertence à essência do ser humano do todo. Contudo, Hegel (*Apud* WEBER, 1993, p.136) alerta que “o problema todo é que, assim, se corre o risco de considerar parte, o indivíduo como mero espectador do todo”, uma vez que atua nesse todo.

Outro filósofo do movimento romântico foi Friedrich Schelling (1775-1854), que encontrou nos escritos filosóficos várias de suas próprias convicções expressas em termos da filosofia, dentre estas: a importância suprema da Natureza, a unidade do homem na Natureza, a glorificação da arte e quase deificação dos grandes artistas criativos (SCHELLING, 1963).

O Intelectualismo para Nunes (1991, p.63) “refere-se à realidade pensada em todas as suas reações, inteiramente explicitada pelas idéias”. Ora, sabemos que a realidade também consiste de algo não-material, elaborado por nossas mentes e conteúdos mentais.

Já, o Intuicionismo ou Intuitivismo são tomados de Schelling e Hegel, quando Nunes (1991, p.65) comenta sobre a subordinação da Arte “ao conhecimento racional, forma superior da verdade, que a criação artística antecipa e da qual não pode fugir [...]”. Schelling (*Apud* MAGEE, 1999, p.156) sustentava que “a consciência mesma é o único objeto imediato de conhecimento e que só na arte a mente pode torna-se plenamente consciente de si mesma”.

Por fim, nesta classificação, surge o Organicismo considerado por Nunes (1991, p.72) como constituído por “expressão e fisiognomia”. Por exemplo, “as emoções traduzem gestos e atitudes que se constituem por inúmeras reações orgânicas”.

Portanto, cada obra de arte pode reclamar ser a verdadeira teoria por ter formulado corretamente a definição da natureza da arte; e ainda pode auferir que as demais teorias sobre a arte sejam falsas por terem deixado de fora alguma propriedade necessária ou suficiente, se assim for considerado.

Benedito Nunes ao analisar a visão heideggeriana interpretativa das obras de arte escreve que,

a obra de arte é um acontecer da verdade, o que sugere um retorno à tradição do classicismo, que harmonizou a arte com a verdade, através da bela imitação da natureza, ou uma retomada da intuição romântica, que se igualou o belo artístico à verdade (NUNES,1998, p.89).

Benjamin (1992, p. 25) entende que “o pensamento deve alcançar a densidade da experiência, sem, contudo renunciar ao seu rigor”. Diga-se, o rigor metodológico, mas o método não pode se separar do conteúdo da obra de arte.

No ensaio “Sócrates construtor de Crivo de Papel” (1998, p.65), ao tratar da arte, particularmente da literatura e da poesia, Nunes comenta que o filósofo sempre se defrontou com os problemas do pensamento que englobam, “o ato de conhecer, a linguagem, o Eu, a relação entre alma e corpo, o sono e o sonho, a simulação, a sinceridade, as regras morais”.

Porém, a arte surge como forma de reinventar as figuras mundanas e mesmo que fictícias, procuram exprimir uma verdade “desde que não seja separada a inteligência de seu berço nativo, a imaginação, há só um mecanismo inventivo para as três classes” (Nunes, 1998, p.66). Aqui Nunes se refere aos sábios, artistas e poetas, incluindo os filósofos e os sábios.

Benjamin (1992, p.27) nos ensina que é através da experiência temos a oportunidade de adquirir, quase diariamente, a distância e o ângulo de visão sob aquilo que observamos.

Ao ler o ensaio “Sócrates construtor de Crivo de Papel” (1998), é possível chegarmos a algumas conclusões sobre a atuação do pensar filosófico na apreciação de uma obra ou texto literário: Em primeiro lugar, deve o crítico literário ouvir o interlocutor e só depois, tomar a palavra, não importa que o pensamento se guie para o sim, ou seja, para a concordância com o texto, ou para o não, a discordância.

Nunes (1998, p.68) completa dizendo que podemos submeter tudo aquilo que é objeto de nossa observação ao nosso crivo “mesmo que, aquele que toma a palavra nunca tenha passado por isso”. Significa dizer que o crítico pode criticar o que nunca viveu, a exemplo de Sócrates que nunca dançou, ou louvou a dança e a música, mas permitia-se falar sobre as mesmas e apreciá-las.

Em segundo lugar, percebe-se a possibilidade da percepção do real do ponto de vista da outra vida. Assim, tanto em Literatura, como em Filosofia parece ser possível a elaboração de diálogos, ou melhor, da dialogação entre sujeitos pertencentes a diferentes épocas, diferentes contextos ou diversos pontos de vistas. Essa dialogação utiliza como recurso o pensamento, a reflexão, que devido à própria natureza, promove a crítica e forma juízos sobre aquilo que ali, no texto discursivo, é colocado. Então, “a literatura não é um apêndice desse pensamento, mas uma das suas modalidades características. Ela alternará com a filosofia no curso destas reflexões” (NUNES, 1998, p.73).

Merleau-Ponty afirma que quando,

a visão silenciosa cai na fala e quando, por sua vez, a palavra, abrindo um campo nomeável e dizível, nele se inscreve, em lugar seu segundo sua verdade, em suma, quando metamorfoseia as estruturas do mundo visível e se torna olhar do espírito [...] (MERLEAU-PONTY, 2000, p.149).

Em terceiro lugar, parece haver a possibilidade de aceitação da inteligência interligada ao sensível pela imaginação, ou seja, o ato do pensamento parece aderido à linguagem. Nunes (1998, p.69) recorre ao filósofo e médico grego Eriximaco para enfatizar que “a razão, algumas vezes, parece-me ser a faculdade de nossa alma que nada compreende de nosso corpo”. Mas, o que seria da alma se esta fosse separada do corpo, ou vice-versa? O que seria do crítico literário sem o pensamento filosófico?

As relações que se estabelecem entre a literatura e a filosofia parecem, portanto, indissolúveis no que tange à crítica literária, já que a crítica brota e/ou envolve a alma do crítico que, por sua vez, avalia a alma do autor, num constante processo de dialogação intersubjetivo, onde apenas um terá a tarefa da atribuição do juízo de valor que não é

apenas uma simples opinião. “O diálogo deve acionar o princípio dialógico do método da complexidade” (MORIN, 1984 *apud* GARDA, 2001, p.53).

A crítica literária não é um mero exercício intelectual. É, antes de qualquer coisa, necessidade imperiosa para qualquer compreensão da arte na medida em que realiza uma avaliação artística e um exame estético. Para Nunes (1991, p.15) “o domínio dos fenômenos estéticos não está circunscrito pela Arte, embora encontre nesta a manifestação mais adequada”.

A não ser que saibamos o que é a arte e quais são as suas propriedades fundamentais é que poderemos opinar sobre ela, do contrário, não poderemos dizer por que razão uma obra é boa ou não, ou ainda, melhor do que outra. Poder-se-ia dizer que estética não só é importante como fundamento epistemológico de elucidação do evento/objeto artístico, como também é acionada para dar baliza à crítica literária, posto que *ipso facto*, é a estética um pensamento filosófico. A estética diz respeito à atitude contemplativa da coisa por ela mesma, sem levar em conta qualquer uso que possa ser feito dela. A questão pautada referenda-se na “beleza” da obra literária.

Os filósofos como Merleau-Ponty, Paul Ricoeur, George W. Friedrich Hegel, Friedrich Schelling, Walter Benjamin, e outros, assim como os grandes críticos literários e mesmo os escritores dedicados à arte convergem para o fato de que a estética é a teoria que tem como veio primário a compreensão de sua natureza.

Nunes (1991, p.26), no capítulo sobre a “Atividade artística e contemplação”, propõe pensar-se a questão contemplativa da obra literária pela ótica de dois pólos distintos, por um lado como objeto de contemplação pura na filosofia platônica, e por outro, através da *práxis* artística aristotélica. Aqui, *práxis* significa a transcrição grega do verbo ação que, na visão de Aristóteles refere-se à ação intelectual. E indo além do pensamento aristotélico, porque não tomar a *práxis* como “crítica intelectual”?

Lembramos que para Platão nenhum aspecto da realidade deixa de despertar interesse e a maioria de suas obras está disposta em forma de diálogos como: o *Fédon*, o *Laques*, o *Eutífron*, o *Teeteto*, o *Parmênides*, o *Banquete*, o *Timeu* e assim por diante.

Para Platão o diálogo faz parte da contemplação filosófica. Aristóteles, por sua vez, dizia que “todos os homens por natureza desejam conhecer” e esse conhecimento só poderá ser alcançado das práticas vivenciadas com o mundo. Levando o conhecimento aristotélico para o campo das artes, “nossa experiência emocional é a *catarse*, que ele define como purgação ou limpeza” (ARISTÓTELES, 2000).

Em resposta a pergunta formulada sobre a *práxis* na crítica, Benedito Nunes (1991, p.26-27) se posiciona afirmando que “segundo Aristóteles, os seres naturais originam-se de causas necessárias que independem da nossa vontade. Os produtos da *arte*, decorrentes da atividade prática (*práxis*), são contingentes, dependentes de nós para existir”. Afinal, “todos os homens elaboram elencos” (ARISTÓTELES, 2000, p.103).

E completando esta idéia, Benedito Nunes comenta que não seria diferente na atividade artística, uma vez que “a imaginação artística é produtiva” (NUNES, 1991, p.77).

Volta-se então à questão da interpretação, a qual é constituída analogamente pela nossa experiência e que molda a forma de pensar sobre as coisas e os discursos, de filosofar sobre esses, uma vez que “toda ideação se faz num espaço de existência” (MERLEAU-PONTY, 2000, p.111).

No ensaio “Sócrates construtor de Crivo de Papel” (1998), Nunes parece advogar este problema quando comenta sobre a natureza das coisas e do discurso literário, lembrando que este não muda. O que modifica é a concepção sobre o mesmo “a consciência reflexiva é a consciência de mim como outro, sem que, entretanto, possa deixar de pensar-me, com aquilo que já sou” (NUNES, 1998, p.71).

Assim, para viabilizar o diálogo entre a Filosofia e a Literatura, a teoria estética tenta definir o que não pode ser definido no sentido requerido. Lembra Nunes (1998, p.191) no ensaio, “As duas introduções à crítica do juízo de Crivo de Papel”, que “a base da reflexividade que o articula com o estético, marca a ambivalência do juízo teleológico, afirmativo de um fim efetivo engendrando a forma”.

No ensaio “Ética e leitura”, Nunes comenta sobre a contribuição de Kant no que se relaciona à liberdade interpretativa, que ao mesmo tempo, poderá ser modelada pela estética e ter uma finalidade teleológica. Para Kant (*Apud* MAGEE, 1999, p.132) “nossa experiência se dá em formas determinadas por nosso aparelho corporal, e só nessas formas podemos imaginar a existência específica de qualquer coisa”.

Assim como a literatura, a filosofia requer uma tomada de consciência de caráter não conceptual e da não individualidade única das coisas, uma vez que pode se situar abaixo do nível de conceptualização e não possuir conteúdo científico. Relembrando a conversa com o nosso pensador, em outubro de 2004, ele dizia que “não se pode jamais pensar em objetividade na ciência”.

Ora, ao interpretar, interpreta-se com os valores que se tem e conforme os acontecimentos que são acompanhados e acumulados sempre utilizando as ciências de acordo com aquilo que se conhece e, obviamente, com os métodos com os quais se emprega a série de conhecimentos que são apreendidos, ou melhor, que são conhecidos.

Segundo Nunes (1991, p.74),

qualquer que seja a arte com que se lida pintura ou música, e qualquer que seja o gênero literário considerado, o essencial é o sentimento vivido pelo artista.

A conclusão a que se chega é que a reflexão ou a crítica a uma obra literária está correlacionada direta ou indiretamente com a forma pela qual o crítico percebe a obra literária avaliada. Não obstante, Gadamer (1997) afirma que a verdade da interpretação não é filha autônoma do sujeito interpretante e que a tarefa do compreender consiste na fusão de horizontes: do texto e do leitor.

Coexistem duas subjetividades: uma que é da obra literária e outra que é a do crítico, o qual na posição de filósofo promove o processo da dialogação entre a Filosofia e a Literatura.

A literatura por sua vez exige uma abertura quanto aos significantes¹¹ e isto só a filosofia pode fornecer para o pensamento crítico literário. Segundo Ricoeur (1977, p.44) “a literatura é constituída de obras escritas, por conseguinte, antes de tudo, de obras”. Logo, o texto narrativo torna-se um convite que possibilita a visualização da *práxis* como ordenada por um enredo articulado à linguagem escrita.

Noutro ensaio denominado “Leituras e críticas de Crivo de Papel” (1998), Nunes realiza uma reflexão sobre as influências que a realidade fornece em termos de *insight*¹² ao elaborar o contexto literário. Assim,

descrevemos linhas atrás a vida própria que, nessa função de comunicação, a obra alcança pelo sentido a ela inerente, como texto, independente das intenções expressas ou inexpressas do escritor (NUNES, 1998, p.179).

Deste modo, o primeiro problema a ser afigurado é o emprego efetivo do conceito de literatura e de filosofia de modo a fornecer uma descrição lógica da função atual do conceito de ambas, incluindo uma descrição das condições debaixo das quais são utilizados corretamente ou aos seus conceitos correlatos.

Tanto a filosofia quanto a literatura operam com a linguagem escrita. A filosofia persegue a verdade das coisas, dos relatos e fatos, busca as formulações isenta de ficções ou simulação da realidade, muitas vezes propostas pela literatura.

Segundo Nunes (1998, p.178),

os textos literários são obras de discurso, a que falta a imediata referencialidade da linguagem corrente; poéticos, abolem, ‘destroem’ o mundo circundante, cotidiano, graças à função da imaginação que os constrói.

Completando o pensamento de Nunes, Ricoeur (1978, p.50) pontua que “dessa maneira, a obra literária é o resultado de um trabalho que organiza a linguagem”. E

¹¹ Os significantes referem-se ao que é significativo e que contêm revelações interessantes ou expressivas.

¹² O *Insight* relaciona-se às idéias que surgem do inconsciente, aos momentos de lucidez e de raciocínio lógico sobre as causas das coisas.

porque não poderia ser o resultado da organização do mundo fictício da obra literária ou do mundo filosófico que compõem o raciocínio do crítico literário?

Em resposta a essa função idealizante, que prima pelo rigor esteticamente correto, a literatura parece proporcionar um aprimoramento do real vivido, impulsionando o idealismo e o subjetivismo do leitor a partir do idealismo e do subjetivismo daquele que escreve, ou seja, que constrói a obra literária mesmo que seja mera ficção, mentira ou ilusão.

Segundo Abbagnano (2000, p.523 e p.922),

o idealismo, declara que os objetos existem fora do espaço ou simplesmente que sua existência é duvidosa e indemonstrável [...] cujo objeto empírico é a representação e o segundo, o subjetivismo, aparece como termo moderno que designa a doutrina que reduz a realidade ou os valores a estados ou atos do sujeito (universal ou individual).

Estes termos vêm auxiliar a compreensão do pensamento de Nunes (1998, p.178) que o texto literário “na teia de sua linguagem, a que devem o poder de apelo estético que nos enleia; seduz-nos o mundo outro, irreal, neles configurado, a que aderimos”.

Numa leitura minuciosa da arte não observamos nenhuma propriedade comum, ou seja, usual ou igual à habitualidade, refiro-me ao constantemente referendado. Arte é uma inovação por si só, que produz um determinado efeito estético. Encontramos apenas cadeias de similaridades ou semelhanças da arte literária com o pensamento filosófico.

Saber o que é arte não é apreender uma essência manifesta ou latente, mas ser capaz de reconhecer, descrever e explicar aquelas coisas a que se denominam "arte literária" em virtude de certas similaridades.

A similaridade aqui é entendida como algo que é idealizado na literatura e como algo que é real, no que se refere à subjetividade constituída através da linguagem, seja ela latente ou manifesta no pensamento do escritor e do leitor, uma vez que escritor e leitor. Tanto o escritor como o leitor fazem uso dos textos literários e da crítica para

formular suas idéias no discurso escrito. Ou seja, “o material de ambos é só um: a linguagem escrita” (NUNES, 1998, p.179).

O leitor para efeito deste estudo é aquele que lê a obra e elabora um pensamento crítico e “opinioso” sobre a obra lida. Este pode ser um leitor por prazer ou um acadêmico de críticas literárias. O acadêmico de crítica literária é aquele que vai ao cerne das questões cruciais do texto literário. Mas a questão é: Será que o crítico realmente busca captar o cerne do texto, aquilo que aparece como subjetividade do escritor? Ou será que ele busca expressar sua própria subjetividade em cima dos elementos que ensejam a subjetividade do escritor?

Tais questionamentos remetem-se a outros questionamentos. Primeiro: como analisar uma obra literária? Como estruturar um raciocínio lógico naquilo que se faz subjetivo por si só?

Em Introdução à Filosofia da Arte, no capítulo sobre o “Jogo Estético e Aparência”, Nunes (1991, p.58-61) faz algumas reflexões sobre o jogo estético e o dinamismo do impulso artístico formador da capacidade crítica literária do sujeito. São essas: a projeção e a abstração. A primeira está relacionada à empatia que o crítico desenvolve em relação à obra, obviamente considerando suas experiências estéticas e a tendência representativa ao julgar os objetos, cuja representação afeta positiva ou negativamente o dinamismo da vida interior. A segunda promove o desprendimento da realidade fazendo emergir a subjetividade do leitor, ou melhor, do crítico literário enquanto intérprete.

Segundo Benedito Nunes (1991, p.60),

o impulso da projeção se manifesta quando o homem sente prazer com o mundo que dominou e que aceita como um prolongamento de si mesmo; o de abstração, empenhado em dominar uma realidade caótica e hostil, satisfaz-se procurando se desprender da realidade.

Enquanto filósofos, os críticos necessitam compreender esta distinção entre a fórmula e aquilo que está para além dela, ou seja, entre o possível diálogo entre a

Filosofia e a Literatura. Compete saber lidar generosamente com as teorias sobre literatura e filosofia porque em todas elas se encontra uma reflexão em torno de um argumento para enfatizar ou para destacar uma característica particular da crítica literária. Nunes em Heidegger & Ser e Tempo (2002, p.18) lembra que “a interpretação nada mais é do que o desenvolvimento do compreender apropriando-se das possibilidades em que o pode ser se projeta”.

Para Deleuze (1992, p.119) “pensar é, primeiramente, ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coroas e se eleve até as visibilidades”.

Nesta ótica, caso sejam evocadas as teorias estéticas, literalmente, todas elas falhariam. Mas se fossem reinterpretadas em termos das suas funções como recomendações sérias e defendidas por meio de argumentos para considerar certo critério de excelência na crítica, ver-se-ia que a teoria estética está longe de ser inútil.

Note-se que, “dois são os aspectos de toda experiência estética: um, subjetivo (o sujeito que sente e julga), e outro, objetivo (os objetos que condicionam ou provocam o que sentimos e julgamos)” (NUNES, 1991, p.13 e 14).

De fato, torna-se pertinente o diálogo entre a Filosofia e a Literatura para a compreensão do que seja a crítica literária, uma vez que a base real de toda e qualquer crítica é interpretativa, fazendo com que a subjetividade obtenha um sentido bem mais completo, à medida que permite uma confluência de métodos. E depreende-se dos estudos de nosso pensador que filosofia e literatura parecem vir à tona na forma de um simpósio de idéias, onde a crítica literária assume um ponto de vista: histórico, singular e que possui uma base lingüística e um estilo.

Segundo Souza (1992, p.7), “a questão do sujeito parece ser tema central da filosofia contemporânea, com importantes reflexos não só no campo das ciências humanas, como também na política, na moral e na cultura em geral”.

A Filosofia e a Literatura possuem concepções não muito comuns. Mas são singulares quanto ao objetivo primordial a que se propõem, seja através da busca pela

verdade, como é o caso da primeira, seja pela forma fictícia como a literatura assume a verdade. Segundo Nunes (1998, p.70), “a matéria, que solicita a sensibilidade e a imaginação, também convoca o ato de pensamento, como projeto que se transforma em acontecimento”.

Pode-se dizer que ambas pressupõem uma base lingüística e desenvolvem um estilo, seja interrogando determinadas questões essenciais ao pensamento filosófico, seja descrevendo ou narrando questões fatídicas que expressam a realidade de forma inventiva por intermédio do discurso literário. Se o pensamento for formado pelo *a priori* ou *a posteriori*¹³ não há o que questionar, uma vez que a subjetividade mesmo que constituída por sentimentos e intenções valorativas do crítico, assume o rigor do pensamento. E não seria diferente em Benedito Nunes, que confessa ser seu postulado, hermenêutico.

Ao avaliar uma obra, seus princípios, concepção, discurso, se é real ou mera imitação – o crítico literário utiliza juízos de valores, que influenciarão o pensamento subjetivo derivado da crítica literária. A hermenêutica possibilita a proposição de uma análise lingüística de significações como um conjunto fechado sobre si mesmo, que fatalmente erige a linguagem em absoluto. E como afirma Benedito Nunes (1991, p.21), “o valor da Arte é aferido pelos efeitos que ela produz efeitos esses que dependem da qualidade do que ela representa [...] tanto no sentido estético quanto no moral”.

O foco da pesquisa de Benedito Nunes na Literatura possui bases filosóficas além das vertentes literárias do pensamento contemporâneo. Afinal, a filosofia, assim como a literatura, possui heurísticas aproximadas. E tanto o pensamento inventivo, como o pensamento filosófico possuem um postulado de análise. O estabelecimento de uma convergência entre a Literatura e a Filosofia na crítica literária depende dos princípios a serem utilizados nesta análise. Assim,

a possibilidade do ente, que é expressa pela idéia, não deve ser, porém confundida com a realidade própria do sujeito inteligente, nem com o ato

¹³ O *a posteriori* refere-se a algo cuja validade só pode ser determinada pela experiência. Portanto, se configura em algo particular, mutável e nem sempre verdadeiro.

ulgativo, que é a união e a relação de duas idéias já presentes no intelecto (LAUDATO, 2004, p.30).

A literatura enquanto arte necessita da filosofia como alicerce interpretativa que fornece sentido aos argumentos da crítica literária. Por outro lado, a filosofia como tipo de saber, se imiscui com a literatura como manifestação sensível da Idéia. Segundo Nunes (1991, p.65), “representando a Idéia sob uma forma sensível, concreta e individual, a Arte encarna o espírito na matéria”. Pode-se inferir que a manifestação sensível anda lado a lado com idéia, ou melhor, que a literatura e a filosofia parecem indissolúveis caso se considere esta ótica.

A crítica literária para Nunes encontra-se,

na contemplação artística, a que tem acesso tanto aquele que cria como aquele que aprecia a obra, desaparece a distância entre o sujeito e o objeto, que o conhecimento dos fenômenos pressupõe (NUNES, 1991, p.66).

Portanto, o ponto de partida da apreciação artística não seria a mera propensão intuitiva separada da realidade a qual se vive.

Na criação artística e na crítica literária existe uma atividade que tem o poder de conhecer e reconhecer as coisas através das representações mentais, que é veículo exclusivo de um conhecimento primordial. Caso este caráter de conhecimento ou reconhecimento fosse vedado à criação artística não seria possível separar a realidade a qual se vive da propensão intuitiva. É preciso considerar que a criação artística e a crítica literária, lembrando a teoria voluntarista da arte, existem como “uma atividade de caráter cognoscitivo, que é veículo exclusivo de um conhecimento primordial, vedado à razão” (NUNES, 1991, p.66).

Benedito Nunes (1991) ao falar sobre o conhecimento primordial vedado à razão utiliza como referência o intuitivismo de Henri Bergson (1859- 1941), filósofo e escritor francês, que ganhou o prêmio Nobel em Literatura. Bergson distingue duas espécies de conhecimento,

o conceptual, que corresponde à inclinação da inteligência humana para adaptar-se ao mundo e o [...] intuitivo, que segue a direção da própria vida em seu contínuo vir-a-ser dos nossos estados de consciência que se interpenetram e mudam sem cessar (BERGSON *apud* NUNES, 1991, p.68).

Bergson, além de filósofo, foi romancista e dramaturgo. O mesmo observava a filosofia como parte da cultura literária geral, situada dentro da evolução. Dizia Bergson que “existe um impulso permanente rumo a maior complexidade e individualidade, denominada de *élan vital*, força vital” (BERGSON *apud* MAGEE, 1999, p.214).

Analisando o pensamento de Bergson, podemos concluir que o intelecto nos fornece os materiais exigidos para a ação interpretativa e o que precisamos é aprender a manejá-los de maneira a lidar com o mundo.

Portanto, a prática da apreciação literária perpassa uma visão intuitiva que de uma forma ou de outra não se constitui ao acaso, mas sim, por diversos fatores que se agregam continuamente a subjetividade. Em tempo, frisa-se que a subjetividade aqui mencionada é aquela que se constrói por um conjunto significativo de representações e experiências, cuja função simbólica forma o pensamento filosófico. Conforme Nunes (1991, p.96), “o que surge em primeiro plano, na literatura, traduzindo as relações da arte com a sociedade, é uma concepção ou visão-do-mundo (*Weltanschauung*¹⁴)”.

Aprofundar-se na questão da subjetividade filosófica derivada da crítica literária exige um maior entendimento sobre o conceito de subjetividade presente na filosofia e na literatura. Não esquecendo que a atividade subjetivada da crítica parece possuir um enfoque mais amplo à medida que é edificada pelos valores do apreciador.

Entender a questão implica em identificar um método de análise apreciativo ou interpretativo dos padrões que corroboram com a dissociação da subjetividade filosófica do mero subjetivismo psicológico, muitas vezes propostos nas análises das obras literárias. Para poder dissociar-se o termo, na visão filosófica e psicológica, importante se faz a conceituação do mesmo.

¹⁴ *Weltanschauung* significa intuição do mundo (ABBAGNANO, 2000, p.1011).

Na visão psicológica, a subjetividade é atribuída em virtude de “uma experiência psíquica ou mental da pessoa ou sujeito” (CABRAL, 1984, p.370). Nesta ótica a subjetividade se configuraria numa experiência exclusiva de uma pessoa.

Na visão filosófica não se desconsidera o caráter psíquico da subjetividade, mas este “caráter só é considerado enquanto fenômeno da consciência do ser” (ABBAGNANO, 2000, p.922). Nesta perspectiva, o individual e o universal são indissociáveis.

1. 2 A subjetividade filosófica e literária em Benedito Nunes

A subjetividade pode ser definida, de forma generalista, como tudo aquilo que pertence à capacidade de subjetivação do indivíduo, ou seja, àquilo que adentra na realidade psíquica, emocional e cognitiva do ser humano e que é passível manifestar-se, simultaneamente, nos âmbitos individual e coletivo. A pesquisa sobre a subjetividade está comprometida com a apropriação intelectual dos objetos externos, como é o caso das obras literárias. Portanto, o conceito de subjetividade a ser analisado é aquele que perpassa o pensamento de Benedito Nunes no papel de filósofo e crítico literário.

Segundo Abbagnano (2000, p.922) a subjetividade refere-se aos “fenômenos psíquicos, enquanto fenômenos de consciência, que o sujeito relaciona consigo mesmo e chama de meus”.

Já a subjetividade pensada por Nunes pode ser identificada de diversas formas. Uma das formas relaciona-se ao juízo estético, argumentando que a capacidade imaginativa do sujeito “nasce da atividade interna do nosso espírito”, outra forma refere-se ao “juízo de gosto, relacionado com a satisfação desinteressada, contemplativa, apreciamos a Beleza por si mesma, desprendida dos nexos causais” (Nunes, 1991, p.50).

Ao mesmo tempo, o sujeito enquanto ente que possui a capacidade de reflexividade e de crítica mantém um vínculo com o mundo e,

a relação com o mundo é um engajamento pré-reflexivo, que se cumpre independente do sujeito por um liame mais primitivo e fundamental do que o nexos entre sujeito e objeto admitido pela teoria do conhecimento (NUNES, 2002, p.14).

A capacidade reflexiva leva o sujeito a pensar, imaginar, avaliar e interpretar as coisas. Por sua vez, a subjetividade derivada da crítica literária deseja avaliar e interpretar as coisas de um ponto de vista meramente pessoal, mas sem dúvida, é formada por um julgamento estético incluso de valores os quais se relacionam ao que se concebe como perfeitamente correto.

Logo, a subjetividade implica numa opinião pessoal que se configura no *dasein* (ser-aí) e que de qualquer forma depende da realidade de um mundo objetivo composto de características, formas e explicações que lhe são atribuídas pela subjetividade humana seja, de quem interpreta ou daquele que concebe as idéias como algo *a priori*.

Considerada dessa maneira, a subjetividade é fator preponderante no processo do cognoscitivo. E queira ou não, ela torna o indivíduo partidário em relação ao seu pensamento. Segundo Nunes (2002, p.31) “dizer que o Dasein é temporal significa que a estrutura da subjetividade, do si mesmo, está fundada no movimento extático¹⁵ do qual depende o caráter intencional da consciência, a sua direção para os objetos”.

Para clarear a questão da “temporalidade extática” descrita por Benedito Nunes, o termo se refere à admiração proporcionada pela subjetividade “enquanto condição da existência como poder-ser, é a possibilidade da possibilidade” (NUNES, 2002, p.31).

Conclui-se que o pensamento humano não somente é constituído de razão, mas também de imaginação. E, enquanto instrumento imaginativo utiliza mecanismos persuasivos que se somam ao imaginário através da linguagem literária.

¹⁵ O termo extático utilizado por Benedito Nunes, refere-se ao sentimento de êxtase, de encantamento, de admiração, proporcionado pela subjetividade, enquanto condição apreciação das coisas. Neste caso, da obra literária.

Voltando ao Crivo de Papel, no ensaio “Sócrates construtor”, Benedito Nunes (1998, p.66) comenta sobre a existência de um mecanismo que estimula a capacidade inventiva do crítico afirmando que,

há um mecanismo inventivo [...]. E esse mecanismo é o poético: os sábios, nisso também, incluindo os filósofos, constroem tanto quanto os artistas e poetas conhecem.

Tal afirmação leva a pensar-se numa forma aparentemente livre de pensamento, constituído de representações simbólicas e intuições. Afinal, “o conhecimento se realizará pelo distanciamento progressivo das aparências sensíveis e deverá, também, se distanciar dos discursos eruditos” (NORONHA, 1997, p.31).

Contudo, o fato da verificação do acontecimento estético na literatura vincula a liberdade do pensamento a conceitos objetivos, que por sua vez atuam com a finalidade de estruturar o pensamento do leitor. O mesmo aconteceria na crítica literária, que não tão livre assim, tende a organizar o pensamento crítico, sistematizando-o.

Benedito Nunes (1998, p.79) afirma que “o efeito da poesia seria assim evocativo e encantatório.” Desse ponto de vista, no qual poesia utilizaria um mecanismo “encantatório” significaria pensar que ela, enquanto capacitadora de persuadir o imaginário humano poderia utilizar de um estilo literário que mais se aproximaria da filosofia, apesar das querelas de ordem emocional propostas pela subjetividade literária. Afinal, não é fácil conciliar a emoção poética, com a razão filosófica. Mas a razão não poderia provocar emoções?

Ora, a razão é constituída de subjetivismo e a subjetividade por sua vez, é agregada a uma série de aspectos emotivos. O enigma está em encontrar o campo da relação da subjetividade crítica literária e a subjetividade filosófica.

A literatura, por sua vez, pode ser definida segundo Faraco & Moura (1998, p.45) como “uma realidade inventada ou recriada de uma realidade, denominada de ficção” dir-se-ia, ainda, que é como um conjunto de composições escritas, com preocupação

estética de um país ou uma época. Os mesmos autores comentam ainda, que estes conjuntos de composições escritas são combinados de maneira pessoal, subjetiva. E esta combinação revela a maneira individual de cada escritor interpretar a realidade. A preocupação estética pode possibilitar a percepção do mundo imaginário literário e na visão de Nunes (1998, p.181),

à percepção estética [...] equivale a uma compreensão afetiva, por certo, a partir do sentimento de prazer ou de satisfação [...] e que se completa por um efeito catártico, precedendo e preparando o movimento de retorno ao real antes referido.

Percebe-se que na literatura é necessário considerar a compreensão afetiva catártica que ela produz sobre aquilo que é compreendido. Isto significa propor a existência de uma liberdade estética do narrador, que também é concedida ao leitor quanto à compreensão estética e a qual se manifesta através da crítica literária. Lembrando também que, a literatura é constituída por um conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético pertencente, obviamente, a uma época, gênero, país, estilo, tendências, etc.

Comente o conceito de literatura na visão dos literatos leva-nos a pensar que a subjetividade relaciona-se às emoções, uma vez que tende a revelar a maneira singular do literato. O termo “literato” refere-se àquele que por ofício escreve obras literárias, o escritor. O mesmo deve ser observado em relação ao literário que é o indivíduo cuja atividade profissional está ligada à literatura, é o caso do crítico, na posição de intérprete.

Quanto às obras filosóficas, o assunto ou a questão perpassa o mesmo valor estético das obras literárias. A diferença está no olhar subjetivo de quem as lê.

Mas ao mesmo tempo em que o literato é livre, é também vinculado a um valor estético e ao outro, o escritor, que também é aparentemente livre e se preocupa com uma linha de pensamento para poder ser compreendido. E para compreender o outro, o intérprete ou exegeta como diria Benedito Nunes, deve dedicar-se à interpretação minuciosa de um texto discursivo.

A subjetividade na filosofia, na visão de Benedito Nunes, é representada pelo *dasein* que nada mais é “com base no método fenomenológico de Husserl, o homem do ponto de vista de seu ser” (Nunes, 2002, p.8). Mais adiante, exemplificando seu raciocínio, comenta Nunes (2002, p.25) que “aí temos o movimento extático – o fora de si em si e para si mesmo da existência – que se denomina temporalidade”.

Interpretando Husserl (1859-1938), fundador da fenomenologia, a filosofia enfocada se concentra no que é conscientemente experimentado como: nossos pensamentos, sentimentos, memórias e assim por diante. E a soma total do experimentado, queira ou não, influenciará no modo de análise do objeto.

Nunes (2002, p.25) salienta que neste movimento tríplice ocorre o êxtase, ou seja, o processo extático que corresponde “ao advir, ao poder-ser, ao retrovir ao ser lançado, ao apresentar, ao estar junto aos entes” proporcionando, assim, um “desclausuramento da subjetividade”.

Levando a questão para a análise literária, poder-se-ia dizer que não existe uma crítica isenta de valores morais e estéticos à medida que o ser humano é formado por um todo, não apenas individual, onde a subjetividade não apenas é constituída, unicamente, da subjetividade autêntica, mas pela inautenticidade¹⁶ também.

A consciência moral é um exemplo da junção da autenticidade e da inautenticidade. Para Nunes (2002, p.24) atua como,

uma espécie de gestonária mercantil e administrativa do mundo da interpretação à luz da mediania do cotidiano, perante a qual ‘a vida é um negócio que cobre ou não os seus custos’.

Assim a “experiência estética de vida”, fala mais alto na questão da subjetividade, quanto ao que é concebido como correto e verdadeiro. Como diz Nunes (2002, p.47), “a essência do Dasein está em sua existência.” Parece, portanto, estar firmada como

¹⁶ A **inautenticidade** refere-se aquilo que é falso e que não constitui a essência do sujeito, mas existe devido à necessidade de contato com o mundo, decorrendo de um processo de identificação com o esterno.

superior ao pensamento conceitual, o que leva a supor que a crítica, mesmo que encharcada de subjetivismo necessita de um raciocínio vinculado ao pensamento racional de formulação de um sistema teórico, o qual vem a direcionar e até a facilitar o entendimento do curso do pensamento crítico.

Relembrando a conferência proferida pelo Professor Benedito Nunes em outubro de 2004 na Universidade Federal do Amazonas, sobre Filosofia e Literatura, “o entrelace entre o campo da filosofia e da literatura pode ocorrer nas formas disciplinar, supradisciplinar e transacional”.

A forma disciplinar baseia-se em regras gramaticais e figura uma extrema preocupação com questões acadêmicas literárias por parte da literatura e com questões conceituais filosóficas por parte da filosofia. Mas, muitas das vezes torna-se necessária sua utilização para evitar-se o desvairismo poético e/ou filosófico, sem o qual não se chegaria a lugar nenhum.

A supradisciplinar opera numa área que transcende as disciplinas Literatura e Filosofia onde há a possibilidade de uma fecundar a outra sem prejuízo de suas especificidades, mas que possibilita identificar um elemento genérico do pensamento humano: a existência da subjetividade.

A forma transacional entre a linguagem literária e filosófica pode ser evidenciada através de diversas figuras de linguagem como metáforas, metonímias, antropozormorfismos, que ambas as disciplinas utilizam e que proporcionam um lugar em comum dentro da diversidade disciplinar. Estas figuras de linguagem falam por si só e utilizam à mediação da subjetividade humana para se realizarem.

Na tendência de reduzir tudo ao sujeito a subjetividade auxilia a aproximação entre estes campos de experimentações, filosófico e literário, à primeira vista causalisticamente sem intenções, pelo menos conscientemente. Contudo, utilizando-se um olhar mais acurado os propósitos podem ser visualizados. Cabe ao pesquisador analisá-los mediante critérios, como é o caso daqueles instituídos pela ótica de Benedito Nunes.

Partindo da premissa que a crítica é uma atitude que consiste em separar o que é verdadeiro do que é falso; o que é legítimo do que é ilegítimo; e o que é certo do que é verossímil, mediante a um juízo apreciativo, a subjetividade humana não pode ser descartada.

Mas quando se trata de um nível discursivo, como é o caso da crítica literária é preciso estabelecer etapas de raciocínio ou de demonstração do pensamento, até que seja elaborada uma conclusão daquilo que é considerado o pensamento crítico de um leitor.

Na visão de Nunes (1998, p.108),

o predomínio da subjetividade, em consonância com a reflexão, corroeria a coesividade da criação artística, que deixaria de ser comunal para tornar-se exclusivamente individual e crítica.

Deste ponto de vista, o pensamento e a reflexão ultrapassam o campo das Belas-Artes, ou seja, daquilo que é concebido, por alguns, como esteticamente correto.

Em um artigo intitulado “Prolegômenos a uma Crítica da Razão Estética” escrito por Nunes em 1979, o mesmo comenta que,

conhecer a obra é, pois, apreender as razões de sua singularidade, que a capacitam a traduzir-se em múltiplas interpretações compatíveis entre si, e de se constituir-se, em função dos sentimentos que provoca no leitor.

Tal comentário leva a pensarmos que a subjetividade, seja na filosofia ou na literatura, está relacionada à qualidade do sujeito quanto aos aspectos mais profundos do ser, onde o espírito do sujeito liga-se àquilo que é sentido por experiência íntima, não admitindo outra realidade senão a sua própria.

Contudo, a atividade crítica literária exige a investigação intelectual como ponto crucial da interpretação da análise interpretativa e, somente o *dasein* na visão de Benedito Nunes, pode como ente e ser-no-mundo, ser capaz de compreender o ser em sua existência, em suas possibilidades quanto às múltiplas interpretações do seu próprio ser e de não ser concernido no mundo, viabilizando assim, o surgimento da subjetividade filosófica, neste caso, derivada da crítica literária.

Nunes alerta em Heidegger & Ser e Tempo (2002, p.14) que o *dasein* necessita estar desatrelado do sujeito em si, indiferente do cotidiano para se propor a investigação interpretativa, extraindo hermeneuticamente das aparências o fundo original do objeto a ser interpretado. Completa dizendo que “trata-se da ação da analítica: ela desce, em seu esforço interpretativo ao modo de ser do cotidiano” (NUNES, 2002, p.15).

Na subjetividade filosófica derivada da crítica literária o método interpretativo, também necessita da desvinculação do sujeito em si, pois para Nunes (2002, p.15),

longe do plano contemplativo, o mundo que Heidegger focaliza preliminarmente, o mundo circundante, intercambia, na práxis cotidiana, as dimensões da vida ativa, o prático da ação, ao poético do produzir e do fabricar.

Conclui-se, portanto, que o conceito de subjetividade filosófica para Benedito Nunes, se funda no *dasein*. Porém na crítica literária, este (o *dasein*) necessita estar desvinculado do ser-em-si mesmo.

Já na literatura, o desvinculo parece apenas ser feito quando se tenta analisar a subjetividade de um ponto de vista sistematizado com a finalidade de evitar confundir-se com a *doxa*. Para Nunes (2002, p.18) “a interpretação nada mais é do que o desenvolvimento do compreender apropriando-se das possibilidades em que o poder-ser se projeta”.

Esta visão confirma a afirmação de Heidegger quanto à capacidade de projeção do ser,

a não essência visa aqui à existência pré-existente [...] A liberdade enquanto deixar-ser do ente é em si mesma uma relação re-solvida, uma relação que não está fechada em si mesma (HEIDEGGER, 2000, p.165).

No entanto, para se apropriar dessas possibilidades são necessárias regras disciplinares que entrelaçam a Filosofia com a Literatura, anteriormente descritas, cuja intenção é evitar-se a confusão entre o que seja subjetividade filosófica derivada da crítica literária com a mera opinião que, provavelmente, diferente da subjetividade

fundamentada em regras interpretativas, utiliza formas avaliativas singulares, enquanto uma das possibilidades das possibilidades das concepções de subjetividade.

CAPÍTULO II – ASPECTOS METÓDICOS E ÉTICOS QUE PRESIDEM A CRÍTICA LITERÁRIA DE BENEDITO NUNES

2.1 Benedito Nunes: a obra e o homem

Após, conceituar e diferenciar-se a subjetividade filosófica do mero senso comum, faz-se necessário conhecer como a subjetividade filosófica foi constituída para Benedito Nunes. Neste aspecto não se pode abster-se de tecer comentários sobre a vida particular do nosso autor: sua infância, sua vida acadêmica e profissional, até a atualidade, quando se destaca como conferencista e escritor.



Figura 1- Benedito Nunes
Fonte: <http://www.trilhasdacultura.com.br/>.

Pesquisar sobre a vida de Benedito Nunes não foi difícil. Além de todo o material disponível em seus livros e na *internet*, foi possível contar-se com o apoio e a colaboração do mesmo quanto à investigação sobre sua vida pessoal.

O apoio e a colaboração partiram do contato direto com o professor Benedito, que cedeu gentilmente seu telefone, seu tempo e material biográfico sobre si para que a pesquisa pudesse ser realizada. Dentre o material biográfico sobre Benedito Nunes

incluem-se dois pequenos livretos os quais o mesmo intitula como adendos comemorativos. Nestes encontram-se entrevistas e comentários de amigos, admiradores e ex-alunos do autor. São estes: Um roteiro dos livros de um sábio paraense (1991) e Benedictus (1998).

Cabe aqui, salientar que o professor Benedito sempre foi solícito as necessidades de informações e as constantes dúvidas que durante o trabalho, ora realizado, surgiram.

Neste capítulo o objetivo situa-se em discorrer sobre a vida e as obras de Benedito Nunes, concomitantemente, sobre o como a subjetividade filosófica e literária constituiu-se neste autor. O interesse é clarificar: O como Nunes conceitua e observa a subjetividade na filosofia e na literatura e que método filosófico utiliza na análise da subjetividade na crítica literária.

Para tal, são retomadas as obras: Introdução à Filosofia da Arte (1991), Crivo de Papel (1998) e Heidegger & Ser e Tempo (2002). Paralelamente, outras obras do autor são alvos de comentários dentre estas: O Drama da Linguagem. Uma leitura de Clarice Lispector (1995), A obra Poética e a Crítica de Mário Faustino (1986), conjuntamente, com as concepções dos filósofos e mestres de Benedito Nunes, destacando-se Maurice Merleau-Ponty, Paul Ricoeur, Immanuel Kant, George Wilhelm Friedrich Hegel, Martin Heidegger. Ressalta-se a necessidade de especificação de determinados conceitos que foram utilizados, encontrados nos dicionários de filosofia e de termos literários e nos livros sobre História da Filosofia.

Para compreender a construção da subjetividade no pensamento de Benedito Nunes foi necessário conhecer sua história de vida, uma vez que, a experiência pessoal e singular do indivíduo auxilia na composição dos aspectos subjetivos que compõem o pensamento humano.

A subjetividade como força motriz em Benedito Nunes é a filosófica, aquela que transpassa a visão do mero crítico literário. E por este motivo ela não deve ser vista simplesmente como uma nuance da *doxa* ou da simples opinião de forma corriqueira e cotidiana que parte do gosto ou do não gosto daquele que se encarrega do trabalho da

crítica literária. Para viabilizar esta reflexão, torna-se necessário observar que aspectos filosóficos atuam como tendências centrais no pensamento do crítico literário, principalmente daquele que trabalha com a Filosofia.

A tentativa foi identificar nos textos, escritos e porque não dizer, nas palavras do filósofo paraense Benedito Nunes que é professor emérito de Filosofia da Universidade Federal do Pará, a evidência de um método filosófico que orienta seu trabalho na crítica literária. Salienta-se que a subjetividade neste caso está obrigatoriamente associada a conceitos que não surgiram do nada, ou melhor, a subjetividade imbrica-se a uma história de estudo sobre filosofia e literatura que influenciam o pensamento do nosso autor.

Mesmo em se tratando da subjetividade em filosofia que possivelmente segue uma orientação metódica, não se pode desconsiderar a subjetividade aqui estudada, como que circunscrita à ciência da conduta, ao intitulado *ethos* que consubstancia os caracteres mais intrínsecos e extrínsecos da personalidade. Estes últimos se exteriorizam através das palavras, da leitura e do pensamento, exigindo uma regularidade formal, ou seja, regras que auxiliam a formação do pensamento.

Ressalta-se que nem sempre o crítico literário ou ensaísta possui consciência da utilização contínua de um método de análise e de uma sistematização que o identifique com alguma tendência filosófica. Por esta razão deve-se estudar cuidadosamente a questão da subjetividade filosófica. E por que não estudá-la em um filósofo que trabalha com críticas literárias? Obviamente, trabalhando cuidadosamente ao identificar os critérios éticos e estéticos presentes na elaboração do seu pensamento.

As obras de Benedito Nunes auxiliam a formulação de alguns problemas mais fundamentais da nossa época. Dentre eles está o desmonte das bases regionalistas que reduzem a percepção do fenômeno abstraindo-se do fluxo da universalização. Esse reducionismo empobrece o objeto de estudo, colocando-o no subsolo da regionalização.

Portanto, o objetivo deste capítulo é evidenciar e apontar a subjetividade como força motriz em Benedito Nunes, pelo menos, quanto aos aspectos que perfazem o raciocínio crítico literário do mesmo.

Em geral as obras de Benedito Nunes prefaciam sinopses de sua vida, titulando a questão: Sobre o autor. Mas é nas entrevistas, nos diálogos informais com o professor Benedito que se encontra a oportunidade de conhecer mais sobre este grande escritor, também, “professor, filósofo, crítico literário, ensaísta, *schollar*, mestre, sábio, o melhor de todos nós, esta será sempre apenas uma ameaça” (PROVÍNCIA DO PARÁ, 1991).

Explicar o que quer dizer um *schollar* é falar sobre alguém que é capaz de discorrer com proficiência sobre filosofia, ciência, lingüística, literatura, dramaturgia, artes em geral, como é o caso de Benedito Nunes.

Portanto, falar de Benedito pode ser fácil, mas ao mesmo tempo difícil. Fácil por se tratar de um homem simples e solícito àquele que o procura. Difícil por se tratar de um emérito professor em Filosofia e um curioso e crítico de obras literárias.

As obras de Benedito Nunes são indispensáveis para conhecer um pouco sobre seu pensamento. Dentre estas estão: “O drama da linguagem - uma leitura de Clarice Lispector”; “Oswald Canibal”; “João Cabral de Melo Neto”; “O tempo na narrativa”; “A filosofia contemporânea”; “No tempo do niilismo e outros ensaios”; “Passagem para o poético (filosofia e poesia em Heidegger)”; “O dorso do tigre”. Mas é “Crivo de papel” e “Introdução à Filosofia da Arte” que merecem os destaques quanto aos estudos filosóficos e literários, destacando a visão crítica do autor e a formação de seu pensamento filosófico na elaboração dos estudos críticos literários.

Não obstante Nunes se destacou e se destaca como comentarista de obras literárias. Antes nos jornais, hoje em inúmeras entrevistas disponíveis em coleções literárias, revistas e *internet*.

Um trecho parafraseado encontra-se numa entrevista de Benedito Nunes concedida ao jornalista Lúcio Flávio Pinto, intitulado um roteiro dos livros de um sábio paraense,

impresso no jornal da província do Pará na edição de domingo de 26/05/1991. Neste impresso consta um roteiro da vida de Benedito Nunes descrito pelo próprio, estimulado pelas indagações do jornalista, promovendo ao curioso leitor detalhes de sua vida.

Desde pequenino, nascido em Batista Campos, Belém, Pará, no dia 21 de novembro de 1929, filho de Maria de Belém e Benedito Nunes, Benedito José Viana da Costa Nunes interessa-se por livros. Comenta que aprendeu a ler aos quatro anos de idade, mas que seu gosto pela leitura nasceu um pouco mais tarde quando ganhou seu primeiro livro de “um mendigo já idoso, barba branca, que às quartas-feiras, pela manhã, vinha buscar a sua esmola certa que lhe proporcionavam minhas tias” (1991). Nunes descreve que suas tias achavam-no parecido com São José.



Figura 2-Benedito Nunes e sua biblioteca
Fonte: <http://www.ufpa.br/>.

Benedito não conheceu o pai, mas daria profundas reflexões em várias áreas do conhecimento, pois seu primeiro e grande estímulo foram os livros herdados de seu pai.

Nunes estudou as primeiras letras na escola “Sagrado Coração de Jesus” cuja proprietária era uma tia sua. Morou na Gentil Bittencourt, entre Serzedelo Corrêa e Presidente Pernambuco, periferia da pequenina Belém dos anos trinta. Passou a infância entre os livros e as brincadeiras de rua, a adolescência entre os livros e o curso secundário no Colégio Moderno, a juventude entre os livros e o curso de Direito na Faculdade de Direito do Pará e a vida adulta entre os livros e as salas de aula. Formou-se em 1952 e no mesmo ano casou-se com Maria Sylvia primeira, tanto no afeto de Benedito como na direção de peças teatrais da fase moderna do teatro paraense, que se inicia com eles e o Norte Teatro Escola.

É professor desde a década de 50. Aposentou-se no cargo de titular, mas continua ensinando – agora, em conferência e através dos livros que escreve; nas discussões e através dos livros que empresta aos estudantes, professores, ex-alunos, pessoas que querem ouvi-lo.

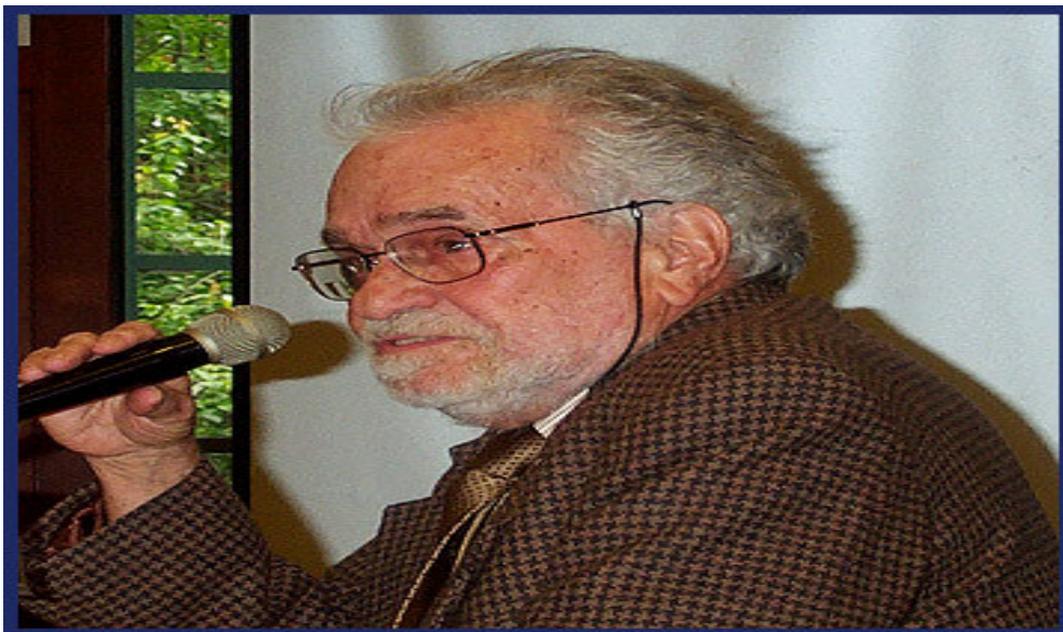


Figura 3- Benedito Nunes na Universidade da Califórnia, 30/04/2002.
Fonte: [http:// www.clas.berkeley.edu/](http://www.clas.berkeley.edu/).

Benedito Nunes foi auditor do Tribunal de Contas do Estado do Pará e um dos fundadores da Faculdade de Filosofia do Pará, posteriormente, absorvida pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Fez mestrado na Sorbonne em Paris. E na sua história pessoal, existe uma tendência especial para o teatro, pois, foi um dos grandes incentivadores da formação da Escola de Teatro, tanto por ser estudioso da história da arte tanto por ser filósofo.

Benedito Nunes não teve filhos, sua pequena família formou-se com Maria Sylvia, Angelita sua cunhada, já falecida e pelos inúmeros animais que tinha. Hoje, sobrou-lhe apenas uma gata, a “Martinha”. Aposentou-se como auditor aos 63 anos de idade, depois como professor da Universidade Federal do Pará, e atualmente, dedica-se aos seus

estudos, escritos e palestras. Em conversa informal, confessa que os trabalhos repetitivos são lhe monótonos, sua verdadeira vocação está em pensar e fazer pensar.

Logo, cumpre-se aqui, tecer honrarias ao professor emérito Benedito Nunes, que escreve desde menino e deu inúmeras contribuições para jornais colegiais, depois resenhas e crítica de livros para jornais regionais, mais adiante resenhas e artigos para jornais nacionais. A militância da palavra impressa em jornais foi abandonada há pouco tempo e a enorme massa de escritos só pode ser encontrada nas bibliotecas, para quem quiser garimpá-las.

No livreto da Assessoria de Cerimonial e Relações Públicas da Universidade Federal do Pará escrito em 1998 por Luiz Braga e outros colaboradores, é comentada de forma prazerosa a vida de nosso autor, despertando a curiosidade de quem lê sobre Benedito Nunes.

Neste, conta-se que certa vez, tendo faltado à aula aquele aluno que era considerado o estudante mais notável da classe, e talvez mesmo do seu tempo, seus colegas mais próximos, perplexos com o inusitado acontecimento, foram até à casa do faltoso em busca das razões que o retiveram naquele dia, distante da sala de aula.

Convidados a entrar, os colegas de colégio foram advertidos que Benedito Nunes, então menino de seus treze anos de idade, estava “brincando no quintal”. Cada vez mais admirados, descobriram, em seguida, com espanto, que a “brincadeira” de Bené consistia em ler, bucolicamente sentado ao pé de uma árvore frutífera da região amazônica, o Zaratustra, livro obscuro do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844 –1900). Talento e vontade para Benedito não faltavam. O talento de Bené, me permitindo assim chamá-lo, desde a infância, viria a constituir mais tarde, sua vida profissional, transformando-se em um ensaísta e professor de filosofia.

E ao acrescentar o lado do talento que traz consigo até hoje, mesmo com sua idade avançada, sua capacidade intelectual é invejável, demonstrando vocação autêntica, enquanto mestre e sábio.

Em *Benedictus* editado pela UFPA (1998, p.12), Lúcio Flávio Pinto comenta que “a desenvoltura de Benedito na análise da filosofia do alemão Heidegger transfere-se para a prosa poética de Guimarães Rosa e se estende para a música popular, sem perder a profundidade e graça”.

Albeniza C. Chaves, uma das colaboradoras de *Benedictus*, retoma a idéia inicialmente proposta quanto ao falar sobre Nunes e alerta que falar sobre Benedito Nunes é paradoxalmente fácil e difícil. Em sua ótica,

fácil porque todos os já conhecem, uns pessoalmente, outros através de suas obras, e difícil porque há muito que dizer [...] por ele é exercida com competência e grande probidade intelectual. Suas obras, fruto de uma existência toda voltada para os estudos filosóficos e literários, associados às atividades docentes (*Benedictus*, 1998, p.14).

Sabe-se que Nunes é participante ativo em seminários e congressos relativos aos ensaios filosóficos sobre literatura. E o sucesso não o envaideceu, uma vez que se dispôs a ajudar e ensinar inúmeros estudantes que enveredam pela área filosófica e mais particularmente, em auxiliar uma estudante de mestrado a concluir seu sonho e sua tarefa, no que se refere a vasculhar sua vida pessoal, suas idéias e mais pretensiosamente, sua subjetividade quanto aos ensaios literários de teor filosófico. Não cabem aqui comentários sobre as obras, mas a busca se detém ao valor intrínseco dessas que permeiam a forma e a desenvoltura crítica filosófica de Nunes.

2.2 O veio metódico da crítica literária de Benedito Nunes

Percebe-se em Nunes um discurso de sabedoria fundado na Filosofia ao analisar os textos literários. Um exemplo está contido na obra - *O Drama da Linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector* (1995, p.5) que sem delongas, no primeiro parágrafo, não faz rodeios sobre os ilustres filósofos que contribuíram para a construção do raciocínio filosófico do nosso crítico. Nascido no Pará, Benedito Nunes, “especializou-se em Filosofia na Sorbonne (com Paul Ricoeur) e no *Collège de France* (com Merleau-

Ponty)”. Dois grandes filósofos hermenêuticos que transformaram as concepções das análises filosóficas.

De um lado, está Paul Ricoeur (1913-2005) que estabeleceu uma ligação entre a fenomenologia e a análise contemporânea da linguagem através da teoria da metáfora, do mito e do modelo científico. Segundo Ricoeur, em *Interpretações e ideologias* (1977, p.58),

assim como o mundo do texto só é real na medida em que é fictício, da mesma forma devemos dizer que a subjetividade do leitor só advém a ela mesma na medida em que é colocada em suspenso, irrealizada, potencializada, da mesma forma que o mundo manifestado pelo texto.

De outro, encontramos Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) que foi um dos mais importantes pensadores da fenomenologia depois de Husserl. Para ele a percepção era fonte de conhecimento e tinha de ser estudada antes das ciências convencionais.

Tanto os fenomenólogos quanto os existencialistas tenderam a escrever como se cada ser humano fosse, acima de tudo o mais, um centro de consciência. Assim, algo pode ser concebido como abstrato ou imaterial, diga-se subjetivo, embora nenhum deles realmente dissesse isso. Merleau-Ponty insistia,

que é fundamental para nossa identidade como seres humanos, sermos objetos físicos, uma vez que cada ser humano tem uma localização diferente e única no espaço e no tempo (*Apud* MAGEE, 1999, p.218).

Na literatura os problemas filosóficos envolvidos na subjetividade, incluindo o caráter perspectivo, exigem muito do leitor a perspicácia destes problemas. Nada mais engrandecedor do que ter tido grandes filósofos como mestres. Não seria diferente na vida de Benedito Nunes que se tornou,

membro do Instituto Brasileiro de Filosofia. No período de 1968 a 1969 lecionou literatura brasileira na Universidade de *Rennes*, na França, e durante os anos de 1969 e 1970 pesquisou temas ligados à literatura brasileira contemporânea (NUNES, 1995, p.5).

Morou, também, sempre por temporadas nos Estados Unidos, lecionando na Universidade de Vanderbilt, em Nashville, Estado do Tennessee, e em Austin, no Texas.

Em ambas as universidades foi professor convidado de Literatura Brasileira.

Benedito Nunes aposentou-se como professor em 1992, confessa que o motivo principal foi a ameaça de Fernando Collor de acabar com a aposentadoria por tempo de serviço. Cabe salientar, que seu receio não foi em vão. Hoje, realiza conferências, escreve livros, orienta dissertações de mestrado e, de vez em quando, leciona a disciplina teoria da crítica.

Benedito Nunes é autor de diversos artigos de teoria e crítica literária e “colabora desde 1955 em diversos suplementos literários e revistas especializadas, brasileiras e estrangeiras” (NUNES, 1995, p.5). Não obstante, Nunes angariou diversas possibilidades de ampliar seu arcabouço de conhecimentos filosóficos, além de diversos amigos de renome no campo filosófico e literário, destacando-se entre os mesmos: Clarice Lispector e Mário Faustino.

Clarice Lispector (1920-1977) apesar de nascer na Ucrânia, chega ao Brasil com os pais e as duas irmãs aos dois meses de idade, instalando-se no Recife. Pode-se, então, considerá-la brasileira. Mais tarde, a família erradica-se no Rio de Janeiro. Ela estuda Direito, por contingência. Mas, começa a trabalhar na Agência Nacional, como redatora. No jornalismo, conhece e se aproxima dos escritores. E não seria difícil, Nunes aproximar-se dela, que possuía como uma das características do seu método de escrita - anotar as idéias a qualquer hora, em qualquer pedaço de papel. As idéias surgem a qualquer hora, em qualquer lugar. “A despeito dessa abstratificação, o mundo de Clarice Lispector é escatológico [...] ritmado por pulsações”(NUNES, 1995, p.115).

Assim, Benedito Nunes realiza a difícil tarefa de revelar a unidade da obra de Clarice Lispector e como ele mesmo introduz, na sinopse do enredo do livro “O Drama da Linguagem. Uma leitura de Clarice Lispector” (1995) sugere a possibilidade de se perceber uma concepção significativa do mundo que sofre influências do ser e do dizer.

Analisando a obra “Perto do coração selvagem” escrita por Clarice Lispector em 1944, Nunes alerta sobre “à atenção da crítica pela novidade que a densidade psicológica, a maneira descontínua de narrar e a força poética desse romance representaram no panorama de ficção brasileira” (NUNES, 1995, p.11).

Mas, a questão crucial está em separar, a densidade psicológica estimulada pela leitura, mesmo que alicerçada em todo um contexto histórico que permeia o real e o ficcional, da subjetividade filosófica, tão necessária à análise racional do texto literário.

De maneira análoga, nem os amigos escapam às críticas de Nunes, como é o caso do poeta piauiense Mário Faustino (1930- 1962), o qual conheceu em 1948 durante uma reunião da Associação Brasileira de Escritores convocada por Haroldo Maranhão e embora falecido aos 32 anos de idade, os apreciadores de sua obra estranham a raridade de menções para com o legado qualitativo deste poeta e crítico aguçado, tanto em relação à nossa literatura, quanto em relação às literaturas inglesa e francesa, das quais foi grande estudioso.

Mário Faustino, na visão de Nunes, deixou-nos ricos ensinamentos, igualmente no campo jornalístico ao colaborar, desde os dezesseis anos de idade (1946), numa coluna diária no jornal Província do Pará, e na Folha do Norte, onde foi diretor de redação e publicou seus primeiros poemas e traduções da poesia norte-americana, inglesa e francesa. Para Nunes (2000, p.8),

Mário Faustino pode bem ser considerado o poeta da poesia – o poeta que pensa – para quem a criação verbal, encadeamento da linguagem, constitui-se numa forma simbólica de percepção e concepção das coisas.

Logo, foi igualmente considerado como poeta-crítico, na medida em que pensou a historicidade da linguagem poética.

Como revela de pronto a etimologia da palavra “crítica” pressupõe, necessariamente, o ato de julgar, isto é, conferir o valor das coisas. No caso de Nunes as obras literárias são os alvos deste julgamento o qual,

a experiência estética, em parte sensível e em parte espiritual tem caráter valorativo. Unindo o subjetivo e o objetivo, o seu sentido está na consciência dos valores específicos a que nos dá acesso (NUNES, 1991, p.14).

Vida, amor e morte são temas capitais da poesia de Mário Faustino. Entrelaçados, esses elementos sustentam o seu timbre poderoso, erudito. A morte em Mário não é apenas um pretexto de escrita, uma vacilação. É anseio, pressentimento. A sua morte trágica em 27 de novembro de 1962, na explosão de um Boeing da Varig, confirmou a previsão de uma frenóloga de Nova York. Morreu aos 32 anos de morte anunciada e pressentida. Toda a sua obra é marcada de presságios, envolta numa aura dramática, tensa, onde a morte paira seu silêncio e vulto.

Mário, também era jornalista e sabia que de nada adianta recorrer somente às inspirações. É preciso conceber a obra como um universo a lapidar. Portanto, escrever, e escrever bem, não é uma tarefa nada fácil. Mas, Mário Faustino se dedicou a esse trabalho. “Dessa perspectiva, que é a da linguagem substatificada, em que palavra e coisa se tornam mutuamente reversíveis” (NUNES, 2000, p.7).

O único livro publicado de Mário Faustino, *O Homem e sua Hora* (1955), foi o suficiente para dar a conhecer suas idéias. A poesia de Mário, segundo Nunes (2000, p.7) “está marcada pela profunda unidade, em contraste com seu perfil inquieto e mutável, aparentemente dispersivo e inacabado”. Apesar de seus textos seguirem um modelo fragmentário, a justaposição ou “montagem” dos mesmos não representam o desleixo. A ética, como expressão e a estética estão presentes e,

variantes do mesmo continente lírico de *O Homem e sua Hora*, em função de uma estética do fragmentário, essas unidades parcelares mínimas, os fragmentos [...] diversificam no tom, quase impessoal, e na forma enumerativa, [...] a obra de Mário Faustino, a que se entrosam tematicamente” (NUNES, 2000, p.11).

Apesar de ter nascido no Piauí, aos nove anos, Mário mudou-se para Belém, terra de Benedito Nunes, que semelhante a Mário Faustino, considerado um crítico engenhoso e

exigente, assim Nunes o é. O amigo, não poupava críticas a ilustres nomes da literatura, como Drummond e João Cabral de Mello Neto, o que não seria diferente em Benedito Nunes que soube utilizar a contribuição que promoveu o fazer poético de Mário à crítica incisiva e ao debate teórico filosófico profundo e refinado a vultos da literatura.

O ensaísta Benedito Nunes considerado um ícone da teoria literária da atualidade e um dos principais críticos de Faustino tentou conjuntamente com o amigo Mário fundar uma revista intitulada o “Encontro” , que não passou do primeiro número. Mas os amigos permaneceram juntos, discutindo e trabalhando no suplemento literário do jornal “Folha do Norte” do Pará.

Em conversa com Benedito Nunes (2004), ele relembra o amigo Mário com carinho, “poeta da poesia Mário Faustino o foi igualmente como poeta-crítico, na medida em que pensou a historicidade da linguagem poética, feita matéria de experiência cultural, enquanto tradição viva” (NUNES, 2000, p.9).

Mário Faustino exerceu a denominada poesia-experiência, aplicando seu repertório poético à prática da criação de modo a proporcionar a “reapropriação da poesia tradicional” (Ibidem, 2000, p.9).

No entanto, a crítica estética ou a não “reapropriação da poesia tradicional” não é uma novidade para os poetas e críticos em literatura do século XX. Ela já era praticada entre os gregos, e o “crítico” era tido como um “censor literário”, que cumpria a função de despertar o leitor ou ouvinte a contemplação da beleza da obra literária.

Segundo Nunes em Introdução à Filosofia da Arte (1991, p.11) “Dois sentidos, a vista e o ouvido, desempenham função primordial na produção de tal deleite”. Nesse sentido, o termo “censor literário”, pode ser considerado aquele que tem por objetivo pesar a coisa com a intenção de saber seu o valor, avaliando e julgando, uma vez que “ao julgarmos, segundo o agrado ou desagrado que sentimos que uma coisa ou uma obra é bela, é o deleite experimentado o fundamento dos nossos juízos de gosto” (NUNES, 1991, p.12).

A teoria estética não só é importante em si mesma, mas também em relação aos fundamentos quer da apreciação quer da crítica de arte.

Tomando por base a força motriz filosófica de Benedito Nunes, é com muita propriedade, que propõe a capacidade de aliar-se a análise literária e a filosófica numa mesma experiência de leitura e reflexão. Aqui, a liberdade de reflexão sobre a criação artística e sobre o produto desta criação é que se,

remonta ao funcionamento da faculdade de julgar e, em última análise, ao jogo livre das faculdades de conhecimento – o entendimento e a imaginação – que constitui o princípio a priori, transcendental, de ambos (NUNES, 1998, p.191).

Os termos liberdade, entendimento, imaginação, *a priori* e transcendental levam a pensa-se em uma outra filiação que constitui o pensamento de Nunes, aqui, fundada no criticismo kantiano. Para Kant (1980, p.220),

uma determinação subjetiva está associada a um juízo estético que pretende expressar através de um predicado, uma universalidade subjetiva de satisfação ou insatisfação ante um juízo de conhecimento, objetivado através da obra literária.

Então, o juízo estético representaria uma universalidade subjetiva que se expressa mediante a um predicado favorecendo,

a capacidade universal de comunicação do estado da mente na representação dada que, como condição subjetiva do juízo de gosto, deve estar no fundamento desse juízo e ter como consequência o prazer face ao objeto (KANT, 1980, p.220).

Kant introduz um novo conceito de liberdade que para a crítica literária, pode ser avaliado como um jogo livre da imaginação. A liberdade aqui pautada consiste na espontaneidade de ação, independente de determinações estranhas ao eu ou empíricas e de autodeterminação, diante do jogo subjetivo e estético das faculdades ou juízos.

As faculdades são as que reproduzem representações com ou sem a presença do objeto, mas que são capazes de produzir esquemas mentais e sínteses de tempo e espaço,

que se ligam ao entendimento e a sensibilidade do escritor e do leitor. Considerando que a representação necessária e universal, *a priori*, é pensada como condição da experiência para o livre-arbítrio.

A crítica, então, surge como atitude de distinção entre o verdadeiro e o falso, tendo como critérios razões ou juízos estéticos, que aceitam ou não as afirmações de outros, muitas vezes sem prévio exame de seus conteúdos, pois, o entendimento é por excelência a faculdade espontânea de pensar e formar conceitos, voltados à determinação da experiência subjetiva, que inegavelmente também se constrói dos conceitos universais e necessários.

dessa forma, ensinar Filosofia não é professar uma doutrina determinada, mas, conforme o velho Kant, ensinar a filosofar, o que significa transmitir a aptidão de pensar a razão ou o fundamento de qualquer concepção, doutrina ou sistema (NUNES, 1998, p.163).

Somando-se as influências kantianas, estão os pensamentos hegelianos que procuraram recursos da lógica filosófica as interpretações dos princípios da filosofia do Direito, e que da mesma forma que os de Benedito Nunes, jurista por formação, igualmente a Kant e Hegel, promovem reflexões sobre a literatura e o subjetivismo filosófico.

Nunes (1998, p.108) comenta que,

para Hegel, a última fase do desenvolvimento artístico é o subjetivismo romântico, a etapa em que a atividade do espírito, se realizando na reflexão do saber filosófico, âmbito de generalidade do pensamento e da ciência (*Wissenschaft*).

Utilizando a argumentação Hegeliana, os textos se constroem na intenção de explicitar a identidade real e racional, promovendo uma dialética sobre a idéia absoluta. Para Hegel, o real é o racional e o racional é o real. Logo, acredita que o subjetivo atua “como puramente interior; opõe-se-lhe o objetivo, e da oposição ressalta a exigência de objetivar o subjetivo” (HEGEL, 2000, p.121).

A liberdade das faculdades aparece, também, como um conteúdo racional, a exemplo, “a moralidade nos atos, a verdade no pensamento” (HEGEL, 2000, p.122). Por outro lado, a liberdade permanece subjetiva, sem se exteriorizar, pois o sujeito muitas vezes acha-se na presença do que não é livre, do que são, somente, objetividade e necessidade natural. A questão é: Como conciliar esta oposição.

Nunes em seu artigo Prolegômenos a uma crítica da razão estética (1979) observa a teoria do discurso literário de Luiz Costa Lima, maranhense, estudioso sobre narrativa literária, professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, compactuando com o mesmo sobre: a teoria da literatura, que para constituir-se como ciência humana deve sujeitar-se ao critério de rigor metodológico, automaticamente, a crítica literária tornar-se-ia uma crítica da razão estética, conciliando assim, a oposição entre a objetividade e a subjetividade. Mas onde encontrar os critérios de rigor metodológico?

A hermenêutica surge, para Benedito Nunes, como uma opção de critério de rigor metodológico, uma vez que,

os hermeneutas não negam a validade do conhecimento teórico. Mas ao descartar-lhe a importância exclusiva, fazem-no argumentando que o fundamento de seus princípios recorre a pressuposições inclaradas a respeito da realidade e do homem (NUNES, 1998, p.88).

Logo, ao interpretar-se um princípio jurídico, uma obra ou um texto literário, histórico ou religioso não existirá compreensão sem antes compreender-se o que se propõe a ser entendido. A hermenêutica sobrevoa o que se deseja entender, em círculos, promovendo a reflexão filosófica interpretativa ou compreensiva sobre aquilo que é foco de análise. Retomando Ricoeur (1977), “explicar mais é compreender melhor”.

O que se busca na fundamentação hermenêutica são regras gerais de compreensão. No entanto, há de se considerar que compreender quer dizer reconstituir a gênese do que se quer compreender pelo duplo caminho da interpretação gramatical (através das expressões lingüísticas) e da interpretação técnica (através da compreensão das particularidades estilísticas do autor). A linguagem, portanto, tanto na sua dimensão de

universalidade e objetividade, quanto de individualidade e subjetividade está no centro da hermenêutica.

Outra questão que há de se ater, versa sobre a tentativa de reproduzir o mais perfeitamente possível todo o processo da atividade de composição do escritor, a fim de compreendê-lo melhor do que ele mesmo se compreendeu. Sobre a compreensão, Nunes (1998, p.93) comenta que,

ao interpretar, articulamos discursivamente o que compreendemos, e o que compreendemos, neste momento, compreendemo-lo temporalmente, tanto prospectiva quanto retrospectivamente, à luz do passado que permanece no presente e do futuro que se projeta.

Não devemos esquecer que a função da hermenêutica será remontar da expressão exterior à interna, ou seja, trata-se de construir uma validade universal da interpretação, resgatando-a do subjetivismo e que “o círculo hermenêutica é, portanto, um círculo histórico-discursivo” (NUNES, 1998, p.93). Mas, “primeiramente, a temporalidade é a chave hermenêutica da compreensão do ente enquanto ente” (Ibidem, p.93).

Retomando Kant (1980, p.220),

um livre jogo das faculdades de conhecimento quando de uma representação, pela qual é dado um objeto, tem de poder ser universalmente comunicado; porque conhecimento como determinação do objeto [...] é o único modo-de-representação que vale para todos.

Percebe-se que o conhecimento *a priori* atua como condição de possibilidade de outros conhecimentos, promovendo o que Kant denominava de transcendental. O termo relaciona-se aquelas condições que, de parte do sujeito, contribuem constitutivamente para a possibilidade da experiência, uma vez que Kant entende o conhecimento como uma complexa ação teórica de identificação objetiva, confere ao sujeito a iniciativa na elaboração do material do conhecimento, segundo certas condições subjetivas que são as faculdades ou juízos.

Segundo o filósofo alemão Martin Heidegger (2000, p.122), cujo pensamento filosófico exerce grande influência no pensamento de Nunes,

a transcendência, na significação terminológica [...] refere-se àquilo que é próprio do ser-aí humano [...]. Completa afirmando que [...] o ser-aí humano, enquanto existe 'espacialmente', possui, entre outras possibilidades, também a de um 'ultrapassar' um espaço, uma barreira física ou um precipício. [...]. (Conferências e Escritos Filosóficos, trad. de Ernildo Stein. In: Heidegger, São Paulo, Nova Cultural, 2000, p.122).

Mesmo que Heidegger (1889-1976) tenha sido manchado pelo nazismo, quando aderiu ao regime nazista na segunda guerra mundial e repudiou em público seu professor e mentor, o filósofo fenomenológico Edmund Husserl, por ser meio judeu, Heidegger foi expoente principal do existencialismo e sua influência permanece constante no pensamento intelectual e não seria diferente para Benedito Nunes.

Benedito Nunes percebe Heidegger em dois momentos distintos de um mesmo pensar que mutuamente se esclarecem. Em Heidegger & Ser e Tempo, publicada em 2002, Nunes pensa que o Heidegger I e Heidegger II operam-se através de um entrosamento de um conceito que lhes é comum: o *Dasein*, a chave principal de Ser e tempo (1927).

Para Nunes (2002, p.11),

o *dasein*, ente que nós mesmos somos, tem a possibilidade de pôr essa questão. Quando a fazemos, se estabelece uma relação circular entre quem questiona e o questionado, entre quem interroga, o ente que somos e o ser interrogado.

Assim, a compreensão torna-se uma das estruturas existenciais do *dasein*, do ser-aí e a hermenêutica deixa de ser considerada como uma questão puramente gnosiológica, ou seja, que busca a origem, a natureza, o valor e os limites da faculdade de conhecer. Torna-se, portanto, uma questão ontológica, de análise do ser enquanto ser, independente de suas determinações particulares, situada naquilo que constitui sua inteligibilidade própria.

A compreensão ou interpretação hermenêutica em Heidegger é, antes de tudo, um modo de ser, uma habilidade, uma familiaridade, uma possibilidade não teórica de orientar-se no mundo, uma estrutura de antecipação, um projeto.

Nunes (1998, p.91) acrescenta que “será preciso ressaltar que o sentido explicitado da conduta do *Dasein* tem sempre o caráter de ser desse ente, e que os conceitos analíticos correspondentes [...] são pré-teóricos e não representacionais”.

Dentre estes conceitos Benedito Nunes lista: os conceitos analíticos correspondentes, de teor filosófico, que são: ser-no-mundo, ser-com-os-outros, a disposição afetiva do existir fáctico (*Befindlichkeit*), o compreender projetivo (*Verstehen*), a imersão no cotidiano (*Verfallen*, “queda”), o cuidado (*Sorge*) como estrutura significacional do *Dasein*, e a morte (*Sein zum Tode*), como sua mais extrema possibilidade. Os conceitos analíticos focalizam a temporalidade autêntica quanto ao sentido do ser do *Dasein* e assim funciona o círculo hermenêutico (NUNES, 1998, p.91).

Explicitar melhor a questão do círculo hermenêutico, inclui considerar-se que o *dasein*

é poder-ser e se a morte [...], a totaliza pondo-lhe termo, então a existência é sempre movimento extático, [...] um sair de si mesma (futuro), que volta a si, à situação fáctica em que se encontra (passado) e imerge no meio dos entes com os quais se defronta (presente) (NUNES, 1998, p.92).

Colocando a questão do *dasein*, como nós mesmos, ente que nós mesmos somos, é possível estabelecer uma relação entre a existência e a subjetividade que move e é constituída por esse ser-aí.

É notório que cada influência retrata o pensamento de Benedito Nunes. Em outras palavras, a liberdade de um crítico literário se vincula a uma liberdade que não seria mera possibilidade de decidir entre um projeto e outro, já dotados de valores e contravalores, mas de um valor em si e que compensa o mal que poderia resultar da escolha. Por isso vale a pena ser livre ou tornar-se livre.

Nunes (1986, p.23) em Poética e a crítica de Mário Faustino comenta que “é da força criadora, cósmica e erótica, da linguagem poética, força de ambíguo poder, capaz de transcender ou de falsear a vida”. Mas não se pode falar de liberdade, sem falar de determinismos: naturais, culturais e psicológicos.

Não obstante, não se pode deixar de registrar, o como é pensando o imaginário do homem amazônico para Benedito Nunes, que segundo a visão do mesmo é muito difundido e difuso.

Em entrevista concedida ao jornalista Edson Coelho em Benedictus (1998) comenta que o imaginário do homem amazônico está em Macunaíma, de Mário de Andrade, está em José Veríssimo, em Dalcídio Jurandir e em muitos outros escritores de literatura, que publicaram obras que contém lendas amazônicas. Mas relembra que este imaginário é universal, uma vez que influencia diversos autores de diferentes regiões, mas que compõem e fazem parte do Brasil.

Isso leva a pensar que não há necessariamente a obrigatoriedade em considerar a subjetividade do escritor em relação à subjetividade do leitor e vice-versa, mas essa relação está presente na crítica literária.

A linguagem literária torna-se instrumento de comunicação que promove elos de entendimento e discernimento intersubjetivos e intra-subjetivos. Mas estes devem ser bem argumentados à base de hipóteses que dão rigor aos critérios investigativos da comunicação. Isto, porém, não impede que ocorram áreas de zoneamento na comunicação que podem ser limitantes ou propulsoras do autoconhecimento e do reconhecimento do outro.

Por intermédio, da crítica literária o intérprete ultrapassa o meramente empírico, fornecendo uma base intuitiva do conceptual. Este fato, porém, pode distanciá-lo dos dados imediatos suspendendo os componentes ideológicos das representações, determinando o deslocamento dos signos. Para Nunes (1998, p. 178),

os textos literários são obras de discurso, a que falta a imediata referencialidade da linguagem corrente; poéticos, abolem e 'destroem' o mundo circundante, cotidiano, graças à função irrealizante da imaginação que os constrói.

Contudo, nem sempre o crítico literário utiliza sistematicamente de um método de análise que o identifique com alguma tendência filosófica. Por esta razão deve-se estudar

cuidadosamente a questão da subjetividade filosófica, identificando os critérios éticos e estéticos presentes na elaboração do pensamento do crítico.

2.3 Valores éticos e estéticos como critérios metodológicos

Em Crivo de Papel (1998) a proximidade entre a filosofia e a literatura parece organizar a atividade intelectual de um ensaísta em crítica literária, segue uma ordem, uma cronologia, construindo o pensamento filosófico, não pelo mero senso comum, mas desenvolvendo um veio metódico quanto à crítica literária.

Através da construção do seu pensamento, Benedito Nunes, nos ensina como constituir o próprio pensamento, aprendendo a limitar o ilimitado, o pensamento, a crítica a idéias constituídas, utilizando, obviamente, uma construção lógica do que o ilimitado dos limites quer propor, relativo à subjetividade proposta pela literatura e do veio metódico do ensaísta.

Segundo Ana Diniz em *Benedictus* (1998, p.30), “ensinar a pensar é a essência do magistério de Benedito Nunes. Antes que mestre, guia. Antes que erudito, convergência. Um homem do conhecimento e da sabedoria”.

Portanto, há muitas razões para se admirar Benedito Nunes, a começar de sua sabedoria, capacidade crítica e versatilidade. Não podemos esquecer que a simplicidade é a sua marca.

Amarílis Tupiassu em *Benedictus* relembra as aulas ministradas por Nunes na disciplina Teoria do Conhecimento, curso em que se inscreveu um pequeno batalhão, na época,

conforme as aulas avançavam, iam ficando no meio do caminho os estudantes incapazes de acompanhar aquele professor diferente que, [...] imbuía-se das altas ambições de buscar, contribuir para a formação de mentalidades vívidas (BENEDICTUS, 1998, p.36).

Amarílis Tupiassu acrescenta que naquele tempo ainda predominavam as “esquematisações” apostiladas, previsíveis, com algo para memorizar. Mas Benedito, por ser diferente era avesso às “esquematisações”, propunha o ímpeto, a vontade, o despertar do pensamento.

Ele concentra suas fortalezas no conteúdo da fala. É neste universo que se arma o bote, o fulcro, a alavanca que move ao interesse que comove que atrai. Lembro ainda que, com Benedito, aprendeu muito, principalmente, a investir, insistir, a lidar com a verdade da palavra. E, por que não dos pensamentos. Benedito Nunes [...] os correlacionava através de visão que hoje se denomina sociológica. E, mais ainda, quando fosse pertinente, Benedito Nunes fazia uma incursão filosófica nessa correlação (BENEDICTUS, 1998, p.39).

O fundamento circunspecto, a essência comedida, ou como aqui se propõe a chamar de veio metódico de Benedito Nunes, vem de “sua autonomia de pensamento que impede que ‘sombras’ floresçam por muito tempo à sua volta” (BENEDICTUS, 1998, p.46).

Sua didática, “prefere o árduo trabalho de elucidar um texto” (Ibidem, 1998), uma vez que o trabalho do pensamento é o oposto da retórica das palavras e a literatura confere um especial ‘sabor’ ao ‘saber’, como diria Roland Barthes, segundo o comentário de Ernani Chaves em Benedictus (1998, p.46).

Ao desvendar o veio metódico em Nunes, há de se considerar a existência de uma sistematização da subjetividade filosófica na crítica literária, a partir de uma interpretação dos escritos filosóficos do nosso autor.

Repete-se que, Benedito Nunes possui inúmeros textos e livros escritos no campo do conhecimento literário-filosófico, produto da crítica às obras literárias, sobretudo de autores brasileiros. Quando um crítico literário examina a obra de outrem, ele identifica a linha de pensamento e o método que engendram e norteiam o raciocínio e a escrita do autor em questão.

No caso de Benedito Nunes, o nosso intuito está em identificar qual o método que ele utiliza para elaborar a sua crítica a determinada obra e seu autor. É importante deixar

claro que o propósito deste estudo consiste em perceber e identificar o método utilizado por esse pensador, portanto, não é interesse, fazer crítica do crítico literário em questão, mas analisar sua prática crítica.

Se, de um lado, a função da proposição é representar o pensamento e, por isso, ela articula dispondo, uma após a outra, as representações; de outro lado, não se pode desvinculá-la dos seres empíricos cujos nomes aparecem nas formas de sujeito, verbo e atributo (NORONHA, 1997, p.68).

A relação entre a realidade do discurso no pensamento filosófico é assaz antiga assumindo, pois, variadas formas no curso da história. É possível encontrá-la em vários temas conhecidos, inclusive nos temas regionais. A prática da leitura nada mais é do que o desenvolvimento da compreensão das possibilidades, o que induz a concordar com Nunes quando afirma que,

não há compreensão de si sem compreensão dos outros e do mundo; e compreender-se compreendendo o mundo desta ou daquela forma, assim podendo o homem responder a diferentes situações interpretativas (NUNES, 1998, p.90)

Tal postulado se fundamenta no princípio da contextualidade, segundo Benedito Nunes, ou seja, do contexto, ou melhor, a realidade de quem interpreta influenciará na compreensão daquilo que o sujeito lê.

Do outro lado do espelho, ocorrerá o mesmo, explicando melhor, o contexto ou realidade de quem escreve a literatura enquanto crítica literária possui duas vertentes conexas, quais sejam: o discurso de representação da subjetividade do narrador e provavelmente no leitor, enquanto crítico literário; e a prática de investigação teórica das formas concretas particulares, ou seja, das obras em que esse discurso se produz.

Como comenta Nunes (1998, p.90) em Crivo de Papel no ensaio Poética do pensamento,

a compreensão do ser, que também se antecipa não só nas formas de conhecimento científico e filosófico como em toda conduta humana, e que está implícita no uso da linguagem, apenas particularizada para o hermeneuta a situação interpretativa comum a que todos vivemos.

Explicando melhor, as duas vertentes, a representação da subjetividade do narrador e do leitor, enquanto crítico literário necessita de um método acurado de interpretação e entendimento que ajude a discernir o sentido da subjetividade na crítica literária e neste caso, para Benedito Nunes em Crivo de Papel, no ensaio: Poética do pensamento, esta prática interpretativa e teórica é fundada no postulado da Hermenêutica.

A hermenêutica é técnica interpretativa do sentido das palavras surge como o veio metódico do nosso autor. É muito utilizada na interpretação de textos sagrados, bíblicos, como também, na interpretação das leis.

Na verdade, a hermenêutica funciona como forma interpretativa ou decodificadora de todo texto que exige uma explicação, promovendo uma reflexão filosófica interpretativa e compreensiva sobre os símbolos em geral. E não obstante a literatura, seja ela simbólica, fabulosa ou realística promove o desvelamento da subjetividade daquele que se propõe a entender o discurso literário, o denominado intérprete, o comentador, e porque não, crítico literário. Portanto, o crítico literário é um hermeneuta.

Tomando como ponto fundamental, o discurso de representação que a crítica literária fornece às estruturas do objeto de conhecimento, Benedito Nunes lembra em Crivo de Papel (1998, p.175), no ensaio sobre “Ética e leitura” que “a prática da leitura seria um adestramento reflexivo, um exercício de conhecimento do mundo, de nós mesmos e dos outros”.

Portanto, elaborar crítica seria uma prática teórica e a teoria correspondente a tal prática presta preliminar reconhecimento ao efeito estético no texto literário. Portanto, crítica e a teoria respectiva não são significativas se não se conhecer a estrutura em que se opera, e por que sorte de fatores inerentes à construção singular da obra pode o ato da leitura desatar-lhe o efeito estético.

Conhecer, discorrer e discordar do discurso literário é apreender as razões de nossa singularidade subjetiva. Essa singularidade nos auxilia na tradução do discurso das obras

literárias em múltiplas interpretações compatíveis entre si, e que se constituem em função dos sentimentos que provocam no leitor, através da leitura.

Neste processo, a leitura funciona como um objeto de juízo estético e reflexivo da realidade, uma vez que “a obra de arte, que é aparência, constitui precisamente uma medida valorativa das próprias coisas: revela-nos a atitude fundamental que o artista assume diante de si mesmo e do mundo” (NUNES, 1991, p.58).

Segundo Nunes (1998, p.178),

ao leitor, na posição de quem cumpre uma tarefa intelectual, como agente de um saber teórico a partilhar com os outros, faltaria o conhecimento do particular, do individual, da subjetividade, dos sentimentos, que só a Literatura pode transmitir.

Percebe-se que, a subjetividade somente existe em virtude de uma experiência pessoal de cada um, o que é intrinsecamente inacessível à observação de cada pessoa e caracteriza, portanto, a experiência exclusiva de cada um. No entanto, a base interpretativa da apreensão da crítica literária liga às circunstâncias que constroem a base analítica do autor, que obviamente, é vinculada a um objeto real, diga-se aqui a obra literária, que anterior a sua subjetividade é composta de objetividade, quanto ao que pretende perpassar ao leitor.

interpreto a partir dos valores que tenho, dos conhecimentos que acompanho e acumulei, sempre de acordo com aquilo que conheço e com os métodos que emprego (NUNES, Conversa informal/2004).

Subjetividade e objetividade, apesar de suas significações opostas, se entrelaçam no jogo das palavras na leitura interpretativa dos textos. E para a compreensão filosófica na crítica literária, de sorte que o “ar da subjetividade exclusiva” não possa entrar, é necessário perfazer uma compreensão inteiramente fechada quanto à exclusão da subjetividade pessoal. Assim, o único veio metódico possível que parece constituir o pensamento de Benedito Nunes, encontra-se na interpretação do sentido das palavras, ou seja, na Hermenêutica.

Benedito Nunes possui inúmeros textos e livros escritos no campo do conhecimento literário-filosófico, produtos da crítica às obras literárias, sobretudo de autores brasileiros. E quando um crítico literário examina a obra de outrem, ele identifica a linha de pensamento e o método que engendram e norteiam o raciocínio e a escrita do autor em questão.

No caso de Benedito Nunes, pretende-se identificar qual o método que ele utiliza para elaborar a sua crítica a determinada obra e seu autor. É importante deixar claro que o propósito deste estudo consiste em perceber e identificar o método utilizado por esse pensador, não é nosso interesse de fazer crítica do crítico literário em questão.

A escolha por Benedito Nunes reside no fato de que ele possui uma vasta experiência em análise de obras literárias, não apenas as brasileiras, mas também outras de caráter universal. Benedito Nunes constrói sua análise a partir da universalidade filosófica e a não sob a percepção de uma literatura regionalista. Elementos como localidade, origem e aspectos culturais dos personagens compõem o quadro analítico do pensador em questão. A intenção foi avaliar suas críticas; como ele conceitua e aplica os critérios éticos e estéticos na crítica do texto literário.

Para tanto, escolheu-se trechos de suas obras que focalizam este assunto a fim de possibilitar a percepção de elementos de mediação entre a Literatura e a Filosofia.

Demonstrar que tanto a filosofia como a crítica literária auxilia a compreensão da realidade, através de associações fictícias com a vida real, não é tão fácil. Pois é neste âmbito, que a subjetividade aparece como peculiaridade do sujeito, e é passível de ser visualizada sob dois aspectos: a partir do olhar filosófico ou, simplesmente, a partir do olhar crítico-literário. E o pensamento de Benedito Nunes possibilita aliar estes dois aspectos aos seus estudos críticos, quando comenta em Introdução à Filosofia da Arte que “a prática da crítica é uma prática teórica e a teoria correspondente a tal prática presta preliminar reconhecimento ao efeito estético no texto literário” (NUNES, 1991, p.34).

Portanto, crítica e a prática teórica não são significativas se não se conhecer a estrutura em que se opera, e por que sorte de fatores inerentes à construção singular da obra pode o ato da leitura desatar-lhe o efeito estético.

Observando os escritos de Benedito Nunes, percebe-se a existência de indícios de critérios éticos e estéticos em seu método de análise. Cabe ressaltar que estes critérios estão fundados na filosofia da moral, quanto ao julgamento do texto literário e na filosofia das belas-artes.

Conhecer, discorrer e discordar do discurso literário é apreender as razões de nossa singularidade subjetiva. Essa singularidade nos auxilia na tradução do discurso das obras literárias em múltiplas interpretações compatíveis entre si, e que se constituem em função dos sentimentos que provocam no leitor, através da leitura. Ressalta-se que, neste processo, a leitura funciona como um objeto de juízo estético e reflexivo da realidade. Em Introdução à Filosofia da Arte, nosso autor propõe,

perseguir o nexo entre a ordem das estruturas e a ordem dos acontecimentos, responsável pelo efeito estético, a fim de atingir o ponto chave da transação do discurso literário com a realidade (NUNES, 1991, p.39).

A cotidianidade é o lugar da *doxa* ou do conhecimento comum vivido experimentado pela coletividade. O fato de esse conhecimento partir de pontos de vista singularizados não quer dizer que ele foi construído somente por uma visão particularista.

Esses conhecimentos, também podem ou não, ser os mais adequados para balizar concepções de mundo, do mesmo modo que podem ser adotados por um grupo ou coletividade que compartilha das mesmas idéias e gosto crítico literário. Pode-se dizer que ocorreria uma variação conforme as situações, os sujeitos e as mutações da realidade.

As variações das situações cotidianas se associam às concepções éticas e morais envolvendo uma análise do *ethos*, ou melhor, das concepções éticas e morais que são construídas na subjetividade do sujeito. De acordo com o autor, objeto de estudo, em Crivo de Papel (1998, p.176), [...] o leitor já as enfrenta atravessando os estreitos

corredores da ortodoxia ou cumprindo uma obrigação piedosa. Toda experiência renovadora a partir deles é discordante ou herética.

Observe-se, pois, que não se está procurando modelos culturais exemplares e coletivos na crítica literária, mas não se pode deixar de perceber que os modelos culturais antecipam-se em nós mesmos. O ser humano é depositário de um *ethos* erguido num modelo cultural ortodoxo e coletivo, que se torna herético enquanto modelo pessoal. Esses modelos são vividos no âmbito do consciente, espelhados em modelos coletivizados que se somam aos desejos de ordem singular que o próprio indivíduo não pode discernir conscientemente.

A subjetividade na crítica literária deve ser investigada, pois os autores literários lançam mão de um saber ficcional que podem possuir um entrelace com o cotidiano. Uma dada realidade elaborada por um sujeito real que é o escritor, poderá coincidir com a realidade vivida ou desejada por outro sujeito que também é real, o leitor. O que aí ocorre é uma analogia entre o real literário e o real-vivido perfazendo, pois, o quadro da subjetividade.

Há, portanto, a possibilidade de uma coincidência do uso da subjetividade do leitor e do escritor, cuja percepção do entendimento literário equivale a uma compreensão afetiva. Essa compreensão produz um efeito catártico de extravasamento emocional sobre aquilo que é compreendido e proporcionado pela liberdade estética, que tem o narrador e que é também concedida ao leitor.

A busca do ponto de conexão da subjetividade na crítica literária com a subjetividade filosófica representa um desafio, pois ao mesmo tempo em que há um centro fixo e vibrante nessa relação, há também um ponto que anula e renasce das contradições entre o idealismo e o realismo filosófico. O idealismo impulsiona a imaginação do leitor, mas é reelaborado e ressignificado num ato permanente e de renovada leitura sobre o outro e sobre si mesmo enquanto ser-no-mundo.

Interpretando os estudos elaborados por Benedito Nunes sobre o entrelaçamento da filosofia com a crítica literária que emerge da subjetividade, observou-se a coexistência

de alguns pontos convergentes, quais sejam: quanto ao tema a subjetividade filosófica e a subjetividade na crítica literária são caracteres que se constituem no sujeito; a subjetividade filosófica e a subjetividade na crítica literária fazem parte de uma perspectiva idealizante, mas simultaneamente possibilitam a coincidência com a realidade atual ou de um determinado tempo histórico vivido; a subjetividade filosófica e a subjetividade na crítica literária necessitam de fundamentos éticos e estéticos constituídos coletivamente.

A isto, deve-se notar que há algo que parece diferenciar a subjetividade na filosofia e na crítica literária. Trata-se da leitura que se faz desta subjetividade e a necessidade do outro na construção da mesma. A literatura precisa do outro como referência para construir uma narração, descrição ou dissertação e, essa referência traz consigo pré-conceitos e contextualizações.

Segundo Nunes (1998, p.176), “não há necessariamente a obrigatoriedade em considerar a subjetividade do escritor em relação à subjetividade do leitor e vice-versa, essa relação está presente na crítica literária”.

A linguagem literária torna-se instrumento de comunicação que promove elos de entendimento e discernimento intersubjetivos e intra-subjetivos. Mas estes devem ser bem argumentados à base de hipóteses que dão rigor aos critérios investigativos da comunicação. Isto, porém, não impede que ocorram áreas de zoneamento na comunicação que podem ser limitantes ou propulsoras do autoconhecimento e do reconhecimento do outro.

A experiência estética do discurso literário se concretiza na prática social dos significados e das representações subjetivas que envolvem a perspectiva cultural do intérprete que através da *mimese* e da ética, elabora o esquema da ficção sob os auspícios da imaginação como o caminho da intuição e do conceito. Por intermédio, da crítica literária o intérprete ultrapassa o meramente empírico, fornecendo uma base intuitiva do conceptual. Este fato, porém, o distancia dos dados imediatos suspendendo os componentes ideológicos das representações, determinando o deslocamento dos signos.

Na filosofia a observação é feita através da relação que o sujeito estabelece com o mundo. Benedito Nunes se permite esboçar uma crítica acerca da indeterminação do lugar próprio da “ciência das ciências” que é descartada em prol da liberdade da reflexão; da liberdade que ainda faz do filósofo alguém que escolhe sobre o que discorrer sendo, pois, e é capaz de estabelecer sua própria verdade; verdades subjetivas inerentes à ação reflexiva da leitura, estimulando a capacidade de identificação psíquica, a qual o homem estabelece com o que lhe é externo, sejam fictício ou real.

Em seus ensaios de Crivo de Papel (1998, p.98), Nunes parte de reflexões filosóficas para explicitar as tensões das figuras “constitutivas da essência humana”.

Estes aspectos constituem-se no ponto de partida para avaliar a subjetividade na linguagem literária no universal, como também a linguagem literária da Amazônia que têm nas reflexões filosóficas e nas críticas literárias de Benedito Nunes, ricas fontes de pesquisa. Para este pensador o valor da leitura está na descoberta e na renovação da nossa experiência intelectual e moral.

A estética permite a dilatação dos limites avaliativos, principalmente quando se considera a literatura como algo belo, prazeroso, de outro lado, a ética, o deontológico limita a capacidade avaliativa do crítico. No sentido de respeito às ideologias e concepções individuais de mundo.

Para Nunes (1991, p.48) é necessário se considerar o domínio da moral, pois é “essa ordem, não real, mas ideal dos fins morais, que constitui a esfera superior do Espírito”. Nunes fala da necessidade de respeitar a liberdade do objeto, relacionado à causalidade natural, pois o respeito à liberdade do objeto a ser analisado, no caso o texto literário, possibilitar este ser ele mesmo, tal fato uniria um critério estético a um critério ético.

Na visão de Nunes, os critérios éticos e estéticos vão se definindo por si mesmos, pelas circunstâncias e pela própria construção do conhecimento do crítico literário. Ele fala do conhecimento informal e formal, onde “determinados uns pelos outros, eles

obedecem à lei universal de causa e efeito, que é um dos moldes mentais do Entendimento” (NUNES, 1991, p.48).

Para Nunes (1991, p.97) “a arte é um reflexo da situação social do artista”, logo não se pode conceber o pensamento filosófico e a criação literária como entidades separadas. A liberdade do escritor e do pensador é ampla, e é por intermédio das condições sociais e pelo arcabouço de conhecimentos que a subjetividade é constituída.

Portanto, os critérios éticos e estéticos aparecem na análise literária como uma forma de efetivação de um método, onde um critério completa o outro. Pois, ao mesmo tempo em que propicia a liberdade estética do crítico literário, limita-a aos critérios éticos, evitando assim o mero subjetivismo e preservando o conteúdo ideológico da obra analisada.

Não seria diferente no método hermenêutico, que emerge como um método de interpretação provido de sentido e nenhuma leitura é inocente. A compreensão é antes de tudo, um modo de ser, uma habilidade, uma familiaridade, uma possibilidade não teórica de orientar-se no mundo, uma estrutura de antecipação, um projeto que somente se faz possível e lógico através de critérios éticos, limitantes e estéticos, que suscitam liberdade interpretativa.

A obra narrativa ficcional exhibe o mundo para o leitor, igual a uma janela. O texto é a produção do discurso, a obra o fazer literário, de acordo com os padrões históricos dos gêneros. E o crítico é o desvelador deste mundo fictício, obviamente, se utiliza de uma perspectiva filosófica de análise, ou seja, deve ater-se aos valores éticos e estéticos como critérios metodológicos para não recair no mero subjetivismo ora já comentado.

CAPÍTULO III: O TEMA AMAZÔNICO EM BENEDITO NUNES

3.1 A circunscrição regional

As obras de Benedito Nunes auxiliam a formulação de alguns problemas mais fundamentais que presidem a crítica literária. Dentre eles estão as concepções éticas e estéticas da literatura e o desmonte das bases regionalistas que reduzem a percepção do fenômeno abstraindo-se do fluxo da universalização. Pois acaso, o reducionismo persistir, empobreceria o objeto de estudo, colocando-o no subsolo da regionalização, tomando por base as concepções de Benedito Nunes sobre o regionalismo.

Neste capítulo, o interesse é identificar os valores éticos e estéticos como critérios metodológicos nas análises literárias de Benedito Nunes, como também, observar como o nosso autor pensa o tema amazônico na literatura. Portanto, este estudo se reveste de fundamental importância ao mister profissional, na medida em que permitiria melhor compreensão dos aspectos de subjetividade dos sujeitos sociais trabalhados, além de contribuir, também, para com a construção de conhecimento no campo do fenômeno da subjetividade na filosofia.

Aqui, não se pode deixar a deriva, o como é pensado o tema amazônico para Benedito Nunes. Pois, além de ser um autor amazônico, nasceu no Pará, o mesmo emite postulados sobre: o que é regional e regionalismo, o que é localismo e regionalismo e fala sobre a possibilidade de problematização do regionalismo na crítica literária. Para evidenciar estes aspectos são comentadas as conversas informais com o autor, suas concepções e observações.

O fato de Benedito Nunes ser paraense, já efetiva a questão do tema amazônico neste estudo. Relembrando que a subjetividade, aqui tão explorada, é composta por conteúdos e contextos que diretamente contribuem para a formação do *ethos* e, por que não, da subjetividade do autor, ora estudado. E sobre o tema amazônico, nos ensaios sobre crítica literária, é importante frisar o pensamento de Nunes sobre a questão.

Rememorando o diálogo mantido com Benedito Nunes em 2004, o mesmo afirma que “não existe uma literatura da Amazônia”, uma vez que o regionalismo faz parte inerente de um conteúdo mítico universal. A tonalidade regional aparece nas obras literárias como forma de localismo, sendo comum, nos contextos literários descritivos regionais, que se expressam através das lendas, tradições e costumes, ou ainda a descrição do contexto histórico-social épico. Para Benedito, um mito amazônico, provavelmente tem suas origens num mito coletivo, pois a contextualização da obra permite muitas vezes considerar uma perspectiva universalizante.

Em Benedictus (1998, p.53), Nunes avalia “o imaginário amazônico” como algo muito difundido e difuso,

está no ‘Macunaíma’, de Mário de Andrade. Está também em outro grande escritor paraense, José Veríssimo, do princípio do século. Ele é mais conhecido como crítico e autor de uma das melhores histórias da literatura brasileira.

Mário de Andrade e José Veríssimo são autores nacionais e não regionais, apesar de certa forma, em seus contos, atuarem como etnólogos, publicando lendas, dentre estas, lendas amazônicas.

Obviamente, não se pode descartar as influências que moldaram o pensamento dos literários brasileiros, dentre estas, os regionalismos que moldam a personalidade. “Esta característica acabou preponderantemente em nosso imaginário” (BENEDICTUS, 1998, p.54).

Como exemplo, de um autor que utiliza o tema amazônico em suas obras, Nunes cita Dalcídio Jurandir, em conversa informal em 2004.

Dalcídio Jurandir em “Marajó”¹⁷ percebe a vida como uma viagem pelo tempo e pelo regionalismo. Para ele relembrar as experiências e as lições passadas é condição imperativa para uma viagem pela Amazônia, pois a construção e a compreensão crítica dos fatos que estão latentes funcionam como espécies de arquivos particulares que podem tornar-se verdadeiras relíquias bibliográficas coletivas, marcadas por sonhos, lutas, derrotas e vitórias na paisagem e no pensamento social amazônicos. A história e o contexto social não se findam em si mesmos e o papel evocativo da literatura de ficção marca através da narrativa a trajetória de um povo, incluindo padrões sociais que se mesclam com a realidade para formar o universo do pensamento social na Amazônia.

Não seria diferente em Benedito Nunes, que em “Introdução à Filosofia da Arte” (1991), quando considera que a filosofia grega influenciou a reflexão filosófica, nas diversas épocas históricas da arte. Ressalta-se aqui a influência épica à arte, seja por intermédio dos mitos gregos, da importância metafísica e espiritual da filosofia antiga, do conteúdo teológico inseparável na Idade Média, das repercussões racionalistas, empiristas e criticista da Idade Moderna até o positivismo e as correntes contemporâneas atuais que perfazem a filosofia. A beleza na Idade Antiga ligava-se à sensibilidade, “a beleza para os filósofos medievais, pertence essencialmente a Deus” (NUNES, 1991, p.9).

O fato da universalidade mítica parecer coincidir com o desenvolvimento da história da filosofia, pois contextualiza historicamente a construção do pensamento avaliativo. Refere-se, aqui, aos enfoques filosóficos observados e avaliados nas diferentes épocas históricas, e que de certa forma constituem o conhecimento intelectual da atualidade. O aparecimento das tendências e pretensões filosóficas devem ser compreendidas e consideradas, de um lado “um subjetivo (o sujeito que julga) de outro, objetivo (os objetos que condicionam ou provocam o que sentimos)” (NUNES, 1991, p.14).

¹⁷ JURANDIR, Dalcídio (1992). *Marajó*. 3ª edição. Belém: CEJUP.

Logo, o interpretador utilizando de seu método interpretativo, provido de sentido contextualizante, intenciona interpretar e fazendo uso da historicidade, da temporalidade, que de queira ou não acompanha a trajetória do seu pensamento, da sua subjetividade interpretativa.

Os críticos literários regionais utilizariam, portanto, um conjunto de princípios e técnicas de interpretação que acompanham o desenrolar de um pensamento mítico, filosófico, literário e científico. Desse modo, o tema amazônico incluiria uma questão comum, que por sua vez, refere-se a uma linguagem que se expressa através da escrita e do pensamento, discorrendo sobre aspectos diversos, de cunho interpretativo do sentido da ação humana. Reafirmando o pensamento de Benedito Nunes (1991, p.14) quando fala sobre a Arte,

é preciso não esquecer que o sentido a ela inerente não reside nos estados psíquicos do sujeito, nem deriva dos objetos, como direta consequência de suas qualidades físicas [...] unindo o subjetivo e o objetivo, o seu sentido está na consciência dos valores específicos a que nos dá acesso e que não podemos isolar das formas perceptivas concretas.

Portanto, escrever sobre conteúdos regionalistas implica localizá-los em um determinado tempo e contexto, peculiarizando-os através de ícones míticos, históricos, arquitetônicos, lingüísticos, morais e, porque não, filosóficos. Mas, se a filosofia é universal, obviamente considerando sua temporalidade, e se em tratando de filosofia e literatura parece impossível dissociá-las, quanto à aplicação do caráter avaliativo filosófico, ao utilizar-se um método de análise.

Logo, o tema regionalista reuniria conteúdos filosóficos e aproximaria a literatura regionalista, que por sua vez, também é afectada por questões metodológicas, produzindo conceitos universais, mas que não excluam as tradições regionalistas, nem o foco de análise, principal, que é a subjetividade filosófica na crítica literária.

desse modo as regionalizações incluem uma questão comum, que por sua vez, diz respeito à linguagem e à comunicação humana enquanto expressão verbal e escrita, enquanto explicação das situações de interação e enquanto compreensão interpretativa do sentido da ação humana em todas as suas formas, do gestual ao discurso (SILVA, 2000, p.35-36).

Em conversa informal, Benedito Nunes fala da possibilidade de problematização do regionalismo na crítica literária. De que forma? Para ele, a questão encontra-se: Irei definir o regionalismo nas obras?

Nunes cria as seguintes definições: Regional, refere-se ao conteúdo próprio da região, diferente de Regionalismo, que segundo o mesmo, refere-se à tendência a dar valor a região. Mas alerta, “só há valor literário quando o valor é atribuído à região”. Portanto, em sua ótica, colocar a região como valor limite do literário é impossível, argumenta que seria uma “falsidade” na postulação das obras literárias.

Para Nunes, o que pesa seria a questão histórica, épica. Dá como exemplo, de obra regional os Romances da década de 30, neste caso o foco é o Nordeste Brasileiro. Mas, o regionalismo, em sua concepção, relaciona-se a uma tendência do movimento modernista. Cita: A Bagaceira de José Emérito, com teor naturalista. Não nega que a região é um determinante na conduta humana, quanto aos instintos e tendências. A questão se responderia da seguinte forma: Existe o teor regional, os conteúdos mais subjetivos que formam a conduta e a circunscrição regional, os elementos da região que limitam o cenário da obra, que o próprio Benedito define, como “localismo”.

Concluindo, as tradições locais não se propõem a negar que o pensamento regional não é universal. Há de se considerar a existência de uma multiplicidade de questões comuns ao todo, que também afetam nossas peculiaridades.

Isso me faz lembrar as palavras do professor Benedito Nunes em 19 de março de 2004, “[...] não há uma literatura regional, o que existe é uma literatura da Amazônia. Observe-se que costumes, gente são descritos, a partir de consciente coletivo, que todos dispomos”.

A resposta para a circunscrição regional, talvez, esteja no encadeamento das idéias a serem avaliadas na crítica literária: sinal, signo e significado das coisas. Mas pode-se afirmar com certeza que o método a seguir é o interpretativo, pelo menos em Benedito Nunes.

3. 2 Belém: a terra, o homem e seus amores

Aqui, realizamos a exposição da nossa última entrevista em 24 de março de 2006, com o filósofo e crítico literário Benedito Nunes, antes da finalização do nosso trabalho. Sem dúvida, foi um momento *sui generis* que oportunizou o esclarecimento de alguns aspectos relevantes na visão de Benedito Nunes sobre a Amazônia.



Figura 4- Entrevista com Benedito Nunes em outubro de 2004.
Fonte: Arquivos fotográficos de Andréa Costa de Andrade.

Procurei seguir um roteiro ao iniciar o diálogo com Benedito Nunes. Mas como era de se esperar, e pelo que conheço nosso autor, que se caracteriza como alguém extremamente simpático, humilde e informal, aos poucos percebi que a formal entrevista tomou um rumo completamente diferente, não apenas nós dois dialogávamos, havia uma terceira, quarta, quinta e talvez, mais pessoas que dialogavam conosco. Quem eram estes? Os fundantes dos nossos pensamentos, da nossa subjetividade, diga-se aqui, filosófica.

Nomes de renomados filósofos e literários surgiram, os quais ambos admiramos e os valorizamos e que subjetivamente, de uma forma ou outra auxiliaram a construção do caminho e a formação de nossos pensamentos.

Nos diálogos com Benedito Nunes busquei uma compreensão de sua visão filosófica e a cooperação dos filósofos e literários que influenciaram seu pensamento e, porque não dizer, de sua subjetividade. Iniciei.

Andréa: Professor Benedito Nunes me fale um pouco sobre sua formação?

Professor Benedito: Falando sobre a minha formação, eu sou formado, na verdade, em Direito, e fiz toda minha outra formação, quer dizer em filosofia, autodidaticamente, embora tenha feito alguns cursos de aperfeiçoamento até no estrangeiro. Mas na verdade, eu sou um autodidata em Filosofia.

Andréa: Professor, na agitada e efervescente década de 40, qual o cenário intelectual de Belém? Qual o papel do poeta Francisco Paulo Mendes¹⁸? Dos encontros no Café Central, para a formação intelectual de sua geração?

Professor Benedito: Isto tem toda uma história, boa e muito longa também. O Francisco Mendes não foi poeta, mas ele foi uma expressão, digamos aqui, que ele foi um fazedor de poetas. Ele estimulou o aparecimento de novos poetas, aceitou a obra de muitos que já haviam produzido e descobriu poetas novos e noviços, isso é o principal. E com essas suas descobertas, ele avalizou o sentido que hoje, nós damos a ele.

Andréa: Falando agora de Literatura, sobre as querelas de existência de modernismo entre Mário de Andrade¹⁹ e o modernismo da Academia dos Novos²⁰ (risos do entrevistado). Existe uma especificidade da Literatura produzida na Amazônia com a Literatura produzida nacionalmente?

Professor Benedito: O que ele quer se referir, é a um episódio muito interessante que faz parte do início de minha juventude. Eu e alguns amigos, desatualizados naquela época, lendo só determinadas obras literárias e esquecendo o modernismo, achávamos que não éramos modernistas, e que devíamos fazer uma campanha contra. Então nos reunimos no meio de uma Academia, quer dizer, consagramos o academicismo, e formamos uma Academia. Mas, éramos todos, muito novos. Eu deveria ter treze anos naquela época,

18 Francisco Paulo Mendes foi quem mais contribuiu com a geração dos "novos" do Pará. Era professor de literatura.

19 Mário de Andrade (1893 -1945) foi representante fundamental do modernismo integrante do grupo modernista de São Paulo. Era denominado "poeta futurista".

20 Associação Brasileira de Escritores (seção Pará) que tinha um largo plano de realizações culturais e artísticas reunindo intelectuais paraenses da nova geração. É nesse cenário que surge a revista "Encontro", que teve como diretores, além de Mário Faustino, Benedito Nunes e Haroldo Maranhão. Entre os colaboradores, nomes como Francisco Paulo Mendes, Max Martins, entre outros.

Haroldo Maranhão²¹ deveria ter um pouco mais, quatorze, ele fez parte também. Como Max Martins²² e todos esses que hoje são poetas e escritores de grande rigor, que fizeram parte desta Academia dos Novos. Tem uma caricatura nossa daquela época (risos do entrevistado).

Andréa: Os seus trabalhos de crítica literária, como *Crivo de Papel* e o *Drama da Linguagem*, nos propõem um método analítico, onde a Filosofia pode se valer da Literatura, para se discutir questões essenciais da vida, porém essa abordagem filosófica da subjetividade, não se confunde com a mera subjetividade psicológica ou literária. Quais seriam as diferenças entre a subjetividade filosófica e a subjetividade literária?

Professor Benedito: O fato de aproximarmos obras mostra que elas se desprendem de seus autores e passam a ganhar vida, uma vida própria. Assim, por exemplo, uma obra de Filosofia pode se aproximar de uma obra Literária, ou vice-versa. Essa aproximação tem sido muito fértil, especialmente no caso de determinados autores. Não deve, entretanto, ser compreendido como um método universal e determinadas obras o requerem, outras não.

Andréa: Paul Ricoeur em “O Conflito das Interpretações”, ensaio sobre Hermenêutica, nos fala do poder ontológico da linguagem, que se expressa através da leitura dos textos. Quais as conseqüências dessa proposta de Ricoeur para a Filosofia e para a crítica literária?

Professor Benedito: Essa abordagem de Ricoeur, já se faz no ângulo da aproximação entre a Filosofia e a Literatura. O fato de ele falar num poder ontológico da linguagem, já está falando em ontologia, e, portanto, já está vendo a Literatura num ângulo filosófico, e

21 Haroldo Maranhão, poeta e companheiro de Benedito Nunes desde menino, fez parte da Academia dos Novos (Estudos Avançados 19 (55), III Ciclo de conferências “Caminhos do crítico”, 17/05/2005).

22 Max Martins (nasceu em Belém, 1926, faleceu no Rio de Janeiro em 2004), poeta e só poeta, mora em Belém. Ao lado de Benedito Nunes, Francisco Paulo Mendes e Mário Faustino, viu chegar a modernidade na poesia brasileira. Foi autodidata; fez estudos particulares nas áreas de Literatura, Poesia, Artes e Filosofia, a partir de 1934.

particularmente, de um ângulo, que parece metafísico, uma vez que a ontologia faz parte da metafísica.

Andréa: Quais os valores éticos e estéticos que o senhor utiliza como critério metodológico de seus estudos?

Professor Benedito: Eu acho que os valores éticos e estéticos aparecem depois, quer dizer, o plano mais geral e o plano da comparação. O fato que, determinados autores podem representar para mim, um elo, uma ligação, uma ligação do pensamento, em geral tudo aparece num só campo, que é o campo do pensamento. Penso que literatura e filosofia fazem parte desse campo. E que devido a determinadas tendências literárias, nos separamos muito a filosofia da literatura, e hoje, elas tendem a se aproximar, quer dizer, quando se faz essa aproximação é porque elas já estão juntas. Não se poderia aproximar aquilo que estivesse separado.

Andréa: Falando um pouco de Amazônia, durante muitos anos, séculos até, fomos alvos de vários discursos sobre a região, discursos de cronistas e de filósofos como Buffon²³, Hegel, discursos de viajantes como os Agassiz²⁴ e escritores como Leandro Tocantins²⁵ e Dalcídio Jurandir²⁶. Esses discursos, e hoje os discursos midiáticos procuraram construir uma identidade sobre a região. Identidade, muitas vezes negativa. Como pensar essa Amazônia hoje? E quais os caminhos para a construção de uma identidade, sem cairmos em jargões e meia dúzia de clichês?

23 Georges Buffon (1707-1788) foi naturalista francês, que se interessava pela filosofia. Em suas obras salientam-se descrições e interpretações dos fenômenos naturais.

24 Agassiz. O sobrenome refere-se a Louis Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz, zoólogos, que comandaram uma expedição científica ao Brasil em 1865 a 1866, a fim de provar a falácia das teses evolucionistas.

25 Leandro Tocantins é autor de várias obras, sendo a mais importante “Formação Histórica do Acre”, uma verdadeira enciclopédia de leitura obrigatória para todos aqueles que pretendem conhecer a história do Estado. Leandro escreveu “Formação Histórica do Acre” a partir de estórias a ele contadas por cearenses, paraibanos, pernambucanos, baianos e sergipanos que vieram conquistar o Acre. Apesar de haver nascido em Belém do Pará, seu pai mudou-se com a família para Tarauacá quando Leandro tinha apenas um ano de idade - ele sempre se apresentava como “paraense-acreano”. Todas as obras de Leandro têm como foco a Amazônia. Faleceu em 2004 aos 85 anos.

26 Dalcídio Jurandir (1909-1979) - Romancista nascido na cidade de Ponta de Pedras, na ilha do Marajó, e criado no município marajoara de Cachoeira do Arari, escreveu a maior saga romanesca da literatura amazônica - o ciclo Extremo Norte. Seus romances, quase todos ambientados na Amazônia, tem a cor e o cheiro da região, pronunciados por um dos textos mais bonitos que brotaram nesta terra.

Professor Benedito: Essa identidade não pode ser consumada por mil definições, essa identidade tem que promover um encontro entre as várias disciplinas que podem explorar intelectualmente a região. Dentro da Sociologia, da Antropologia, a própria Teoria Literária, também entrando nisso. Enfim, é quase fazer uma poética, na medida em que a poética trata daquilo que a linguagem tem de criadora. Sob esse aspecto, então, é que as coisas podem se unir. Meu método é a hermenêutica, quer dizer, é a interpretação que tem por base uma leitura minuciosa do texto e ao mesmo tempo é o encontro daquilo que o texto diz e como ele fala. Uma fala que não é minha, não é mais do autor, mas é da própria obra. Deste ponto de vista então, é que adoto o meu método.

Andréa: Este mesmo método o senhor utiliza quando fala sua própria linguagem, e não a da obra?

Professor Benedito: Eu tenho que deixar a minha linguagem silenciar para entrar em função da linguagem da obra, não é a minha linguagem que deve prevalecer. Eu devo ser simplesmente um instrumento muito dúctil, para poder captar aquilo que a obra tem de impessoal.

Andréa: E é possível ficarmos neutros em relação a isso?

Professor Benedito: Não, ninguém fica neutro, porque você sempre está sentindo, de certa forma, aquilo que você lê. A neutralidade aí, quer dizer que não existe uma indiferença em relação à obra literária ou a obra filosófica. Você sempre está participando dela, e essa participação é que nega a neutralidade. Como é que você pode ser neutro, se você interpreta? Você interpreta você adota um ponto de vista. Se você adota um ponto de vista, você já tem uma ligação afetiva com a obra. O intérprete começa pela ligação afetiva. Eu não posso interpretar aquilo que me desgosto, começa por aí. Eu só posso interpretar aquilo que eu dou certo valor. Se eu não dou valor, não tem jeito, é melhor jogar fora.

Andréa: É possível fazer uma crítica literária, sem a interferência de um julgamento?

Professor Benedito: Não. Mas, não um julgamento absoluto, não um julgamento decisivo, não um julgamento definitivo. Se você vê, todos os julgamentos que nós fazemos, são julgamentos provisórios. Por quê? Hoje, a leitura me dá uma possibilidade, amanhã, me dará outra. Até de leituras subseqüentes que eu faça, seja da mesma obra ou de outra. Quer dizer, à medida que passa o tempo, tudo que eu via sobre determinado aspecto, se modifica. Modifica-se porque eu leio de outra maneira, se modifica, porque eu recorro a outros autores, se modifica porque o próprio pensamento da obra me apela de outra maneira. Entendes? Portanto, as grandes obras, as obras que falam, são aquelas que podem ser interpretadas diferentemente. Se você vir uma obra de uma só maneira, isto é o fim dela.

Andréa: Paul Ricoeur fala que o próprio tempo atualiza a leitura. Ele se refere ao tempo e a tradição?

Professor Benedito: A cultura nova é um reinvestimento do passado, com novas idéias, aí sim, estou mais próximo desse ponto e concordo com Paul Ricoeur. Tudo que entendo dessa matéria, é porque principalmente me ensinou. Já morreu... Morreu no ano retrasado com 92 anos. Diga-se lá, bem passados, 92 anos.

Andréa: E a influência do Merleau-Ponty em relação à hermenêutica e fenomenologia na sua análise?

Professor Benedito: Sim, em relação à análise, tem mais de ter sido Merleau-Ponty um dos poucos filósofos que se sensibilizaram com a relação entre literatura e filosofia, quer dizer, ele pensou propriamente essa questão, ao contrário do Sartre que não pensou propriamente nesse nexos, embora tivesse sentido muito aviltamente a relação literária, literatura e poesia, literatura e filosofia, literatura etc. e tal. Mas, o Merleau-Ponty foi aquele que deu também, a literatura um outro aspecto importante, deu uma função cognoscitiva à literatura, em seu ponto de vista contemporâneo, dá à literatura a função de conhecimento. Não é apenas uma fonte de prazer, é uma fonte de conhecimento.

Andréa: Como o senhor percebe a relação entre a literatura regional e a literatura nacional?

Professor Benedito: Bom, essa relação não pode ser confinada a itens que signifiquem confinamento, no caso, por exemplo, do regionalismo: Uma obra pode ser regional, a sua matéria baseada na região e o homem vara regiões, entretanto não pode ser fechada do ponto vista da concepção. Quando há fechamento da concepção, isso quer dizer que a obra fica fechada, ela fica oclusa, então não pode mais haver relação entre ela e outras obras. Portanto, na literatura, no fenômeno hermenêutica, há uma retomada constante de umas pela outras, só assim que elas se renovam também. A renovação não é uma coisa artificiosa não, é uma coisa requerida pelos próprios textos. Emprega-se mais a palavra, texto.

Andréa: O senhor utiliza muito o método histórico em suas obras?

Professor Benedito: Pego uma dimensão histórica, uma linha histórica e situo a obra no tempo. Saber quais são os parentescos da obra com outras obras, também, é muito importante.

Andréa: E para organizar o pensamento?

Professor Benedito: Sim, justamente nesse ponto têm sarmelas que possuem esse requisito de correlacionamento. Acabou essa história de obras isoladas, obras só da literatura, não há uma compartimentação, existe uma irradiação.

Andréa: Como o senhor observa o tema Amazônia na literatura?



Figura 5- Entrevista com Benedito Nunes em outubro de 2004.
Fonte: Arquivos fotográficos de Andréa Costa de Andrade.

Professor Benedito: No caso, por exemplo, do Dalcídio Jurandir, é muito particular isso, é uma obra essencialmente amazônica, não se fez fora da região, e dentro da Amazônia, ela se fez numa região particular que foi a região onde nasceu o autor. Bom então quem é o personagem? É um homem chamado Alfredo que vem à cidade de Belém, começa a conhecer suas ruas, etc., que passeia e caminha muito pela cidade que quer conhecer. Então, esse Dalcídio Jurandir, não é o Alfredo²⁷. O Alfredo é aquele que tem a vista da cidade e até pode ser contestada pelo próprio autor. E se você for a Belém pode comparar essa disputa entre o autor e o próprio narrador. O narrador é aquele que conta a história, etc. e o autor é aquele que dá o nome, aquele que vigia aquele que interfere, como uma

²⁷ Alfredo é personagem de Dalcídio Jurandir da obra “O Marajó” (1927).

segunda voz. É muito útil a leitura de Dalcídio, porque justamente se pensa que é uma outra obra, nem se pode fazer propaganda dela, porque ela se igualou a Guimarães Rosa²⁸. Guimarães Rosa parece que fundiu várias regiões, em determinados centros, como Minas Gerais, Goiás e aquela parte toda. Ele identificou os idiomas, os falares e compenetro, por termos modernistas, por termos da língua grega, cingiu palavras novas, o cingimento que fazia muito bem.

Andréa: E as “Crônicas de Duas Cidades: Belém e Manaus”, como o senhor as observa?

Professor Benedito: Bom está no livro, quer dizer, são as circunstâncias e as experiências que me fizeram escrevê-lo.

Andréa: Professor, existem comentários populares sobre a rivalidade entre os paraenses e os amazonenses. Isso existe?

Professor Benedito: Isto é bobagem. Isto são facções que existem. Mas lida com uma coisa que é muito presente, que é o localismo.

Andréa: E aí, trabalhos como o de Milton Hatoum²⁹, até como este, “Crônicas de Duas Cidades”, tentam acabar com essa visão localista e permitem uma visão realista como é a vida desta cidade?

Professor Benedito: É a cidade do Milton, Manaus é sempre uma cidade cosmopolita, ou seja, uma cidade que está no lugar, mas está, sobretudo, nos personagens.

Andréa: Seria uma nova interpretação da Amazônia?

Professor Benedito: Milton através do localismo tenta universalizar mitos e até personagens sagrados, como “Dois Irmãos” que se assemelha a obra de Machado de Assis³⁰, “Esaú e Jacó”. Portanto, propõe uma estrutura mítica, e quando afunda nisso está muito bem

²⁸ João Guimarães Rosa (1908- 1967). Escritor mineiro se notabilizou pela invenção de vocábulos, além do registro da linguagem sertaneja brasileira, inacessível a tradutores estrangeiros.

²⁹ Milton Hatoum nasceu em Manaus em 1952, é formado em Arquitetura pela USP e pós-graduado em Literatura em Paris. É um escritor pós-modernista, que muitas vezes utiliza a técnica impressionista para abordar o regional em suas obras.

³⁰ Machado de Assis (1839-1908), escritor brasileiro com estilo sutilmente irônico, conquistava leitores dos jornais que escrevia. Escreveu romances românticos e realistas (FARACO & MOURA, 1998 , p.335).

referido. “O Marajó” de Dalcídio Jurandir é um exemplo bem claro disso. Dalcídio fez parte do Partido Trabalhista e o partido achava que determinadas idéias deveriam estar em seus livros. Não é um livro mau (faz uma crítica), agora você lê nem parece Dalcídio, os personagens são outros, não tem Alfredo, etc.



Figura 6- Benedito Nunes no lançamento de seu livro “Crônicas de Duas Cidades: Belém e Manaus” em 24/03/2006.
Fonte: Arquivos fotográficos de Andréa Costa de Andrade.

Ao final da entrevista, o professor Benedito faz alguns comentários, mas afirma ser isto de cunho particular. Comentários estes em relação a sua atuação quanto auditor do Tribunal de Contas, sua aposentadoria aos 63 anos de idade e sobre sua vida doméstica, inclusive, com seus animais de estimação.

Por fim, o filósofo-cronista Benedito Nunes parece ter se deparado com as modestas luzes do iluminismo amazônico, que o levaram aos ensaios críticos e muitos amores do Grão-Pará, dentre estes, não só Maria Sylvia, mas a Filosofia e a Literatura, também o são.

Belém pode ser estendida a uma vizinha longa data que construiu a vida e o pensamento do nosso autor, como bela época que foi e não volta mais. Nada, entretanto, se compara a fisionomia de uma cidade, ao seu *ethos*, personalidade.

Benedito escolheu e viveu aquilo que lhe parece ser expressão particular e única de sua identidade, utilizando as vozes narrativas que se alternam na arqueologia de seu pensamento em forma de digressões históricas. Estas vozes são dos filósofos-mestres e dos admirados amigos escritores de obras literárias, estas vozes constituem os diálogos filosóficos com Benedito Nunes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de produção literária envolve não apenas aquele que escreve, mas também aquele que compartilha da leitura daquele que escreve. Logo, o que parecia constituir-se numa unidade acabou revelando uma diversidade de influências, ainda pouco exploradas, percebidas e detalhadas.

Em princípio notamos um forte componente emocional envolvido na crítica literária, mas aos poucos fomos percebendo que havia algo mais na medida em que o crítico possui uma meta, um objetivo e um estilo que vai sendo concretizado na escrita perceptiva do texto de outrem. Enquanto crítico literário esse sujeito constrói um caminho a ser seguido de acordo com suas escolhas e liberdade de expressão, porém, dentro do processo metódico do conhecimento.

Este estudo mostra que a subjetividade encontra-se presente na crítica literária, mas segue um método cuja escolha é pessoal a partir de uma base conceitual, como é o caso do professor Benedito Nunes que, implicitamente segue um método filosófico, consubstanciado na hermenêutica. Dir-se-ia que esta determinação metodológica consagra a maturidade intelectual deste pensador que elege critérios éticos e estéticos que conferem rigor às suas análises. Trata-se de um componente peculiar e complexo que exige do crítico que ele se movimente para além do espaço corpóreo do livro, num processo de efusiva percepção imaginária, intersubjetiva, sem perder de vista a essencialidade do texto lido.

Outro aspecto que nos chamou bastante atenção diz respeito à interpretação da obra literária na Filosofia. Neste tipo de análise crítica há uma forte tendência em interpretar os fenômenos difusamente, sem método, desconsiderando a necessidade de um raciocínio lógico que guie a sistematização do conhecimento e que abstraia do fluxo do senso comum. A nossa pesquisa revela que é possível a construção de um pensamento de crítica literária embasado num método de raciocínio que se instala na crítica e que credita à análise o rigor científico.

Pretender compreender como se constrói o processo de crítica literária em Benedito Nunes, identificando alguns aspectos filosóficos que aí são utilizados, constitui-se numa arriscada aventura facilitada, muitas vezes, pelo diálogo com os autores visitados e alguns professores do mestrado além do orientador deste trabalho.

Não poderia deixar de revelar que contei com a valiosa contribuição do professor Benedito, principalmente no que diz respeito aos filósofos que eu deveria aprofundar-me no campo da subjetividade, com destaque para Martin Heidegger que aborda nas suas obras o sentido mais profundo da existência humana e que, de certa forma, interfere na criação do pensamento literário.

As discussões travadas no âmbito acadêmico contribuíram significativamente para a elaboração deste estudo ousado e exploratório no campo de dois saberes, que são a filosofia e a literatura. Nessa visão multidisciplinar do Programa de Mestrado sobressaíram as idéias trazidas pela hermenêutica de Paul Ricoeur, que valoriza as técnicas de interpretação e a possibilidade de interpretação de um sujeito frente a um signo que designa um objeto universal. Trata-se de um processo metodológico que suscita conceitos diversos na ação do intérprete e de sua subjetividade. Também nos foi de grande importância os estudos de Michel Foucault no eixo dos acontecimentos discursivos e não-discursivos, sobre a análise do pensamento literário.

Outro autor importante neste estudo foi Dalcídio Jurandir, autor amazônico que valoriza as tradições locais, e que nunca negou que o pensamento regional era universal, ou seja, criado por uma multiplicidade de questões comuns ao todo e que afetam nossas peculiaridades. Isso nos fez lembrar as palavras do professor Benedito Nunes de que “não há uma literatura regional, o que existe é uma literatura da Amazônia” (entrevista/2004).

As obras de Benedito Nunes auxiliam na formulação de alguns problemas mais cadentes da nossa época. Dentre eles está o desmonte das bases regionalistas que reduzem a percepção do fenômeno abstraindo-se do fluxo da universalização. Esse reducionismo empobrece o objeto de estudo colocando-o no localismo preconceituoso que não admite a universalização de temas regionais.

Interpretando os estudos elaborados por Benedito Nunes sobre o entrelaçamento da filosofia com a literatura crítica que emerge da subjetividade, constatamos a coexistência de alguns pontos convergentes entre a subjetividade filosófica e a subjetividade na crítica literária, enquanto caracteres que fluem do sujeito. Embora a subjetividade filosófica e a subjetividade na crítica literária façam parte de uma perspectiva idealizante elas possibilitam, simultaneamente, o mergulho na realidade atual ou num determinado tempo histórico vivido. Isto, porque, tanto a subjetividade filosófica quanto a subjetividade na crítica literária necessitam de fundamentos éticos e estéticos construídos coletivamente com a legitimação da ciência.

Na filosofia, a observação é feita através da relação que o sujeito estabelece com o mundo. Benedito Nunes se permite esboçar uma crítica acerca da indeterminação do lugar próprio da “ciência das ciências” que é descartada em favor da liberdade de reflexão; da liberdade que ainda faz do filósofo alguém que escolhe sobre o que quer pensar e discorrer, sendo, pois, um ser capaz de estabelecer sua própria verdade. Verdades subjetivas inerentes à ação reflexiva da leitura que estimula a capacidade de identificação psíquica, permitindo ao homem estabelecer relações com o que lhe é externo seja fictício ou real.

Em um de seus ensaios intitulado *Historiografia Literária do Brasil*, presente no *Crivo de Papel*, este pensador parte de reflexões filosóficas para desconstruir as tensões presentes entre a estética e a literatura. Segundo Nunes (1998, p.240), essas tensões são insustentáveis, pois pretendem dar “a idéia de transplantação e desenvolvimento literário, pela dupla consideração da existência da literatura como fato social e de seu nexos com a sociedade e a cultura do país”.

Estes aspectos constituem-se no ponto de partida para avaliar a subjetividade na linguagem literária universal e na linguagem literária da Amazônia, que tem nas reflexões filosóficas e nas críticas literárias de Benedito Nunes, ricas fontes de pesquisa. Para este pensador o valor da leitura está na descoberta e na renovação da nossa experiência intelectual e moral.

A subjetividade filosófica e a subjetividade na crítica literária vêm suscitando importantes investigações contemporâneas que resgatam o valor da construção do fenômeno histórico-social. Eis a importância deste tema circunscrito ao âmbito do *ethos* individual sem perder de vista o *ethos* social.

Devo dizer que apesar de considerar a elaboração dos Diálogos Filosóficos com Bedito Nunes um trabalho apaixonante, confesso que durante os percalços da minha pesquisa tive momentos de desânimo devido a inicial dificuldade de enveredar profundamente pelo campo da filosofia, uma vez que a minha formação acadêmica é a Psicologia e minha especialização em Filosofia. Também, outra dificuldade foi encontrar um método apropriado de análise da crítica literária em Bedito Nunes. Aqui, friso que a fenomenologia pareceu-me o método mais indicado e adequado a este tipo de estudo, facilitando-me a compreensão do objeto e dos critérios a serem analisados.

O desânimo somou-se ao rótulo de “pretensiosa”. Mas, insistente que sou, persisti e o desafio valeu a pena, ao menos no acréscimo de meus conhecimentos em Filosofia e na possibilidade de contribuir no incentivo a futuras pesquisas interpretativas sobre o que seja a subjetividade filosófica derivada da crítica literária.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Aristóteles - Vida e Obra. Poética*. Coleção: Os Pensadores. Tradução de Orlando Vitorino. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

BARBALHO, C. R. S. *Guia para normalização de teses e dissertações*. / Célia Regina Simonetti Barbalho, Suely Oliveira Moraes. – Manaus: UFAM, 2003.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 4ª ed. São Paulo. Martins Fontes, 2000.

BRAGA, Luiz. *Benedictus*. Belém: UFPA, 1986.

CABRAL, Álvaro. *Dicionário técnico de psicologia*. São Paulo: Cultrix, 1984.

CASTRO, Dagmar Silva P. *Fenomenologia e análise do existir*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

COSTA, Ligia Militz. *A poética de Aristóteles (mímese e verossimilhança)*. Série Princípios. São Paulo. Ática, 2001.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. 1ª edição. Tradução Peter Pál Pelbart. Coleção Trans. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FARACO & MOURA. *Língua e literatura*. Volume Único. São Paulo: Editora Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Sobre a arqueologia das ciências*. São Paulo: Loyola, 1979.

_____. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1977.

GADAMER, Hans George. *Verdade e método (Traços fundamentais: uma hermenêutica filosófica)*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GARDA, Lois Martin. *Entre Dédalo e Ícaro. Cognição, tecnologia e educação*. 2000.131 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Estética. A idéia e o ideal. O Belo artístico ou o ideal*. Coleção: Os Pensadores. Tradução de Orlando Vitorino. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Parte I e II. São Paulo, 1999.

_____. *Conferências e escritos filosóficos*. Coleção: Os Pensadores. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

HUSSERL, Edmund. *Investigações lógicas. Sexta Investigação (Elementos de uma elucidação Fenomenológica do Conhecimento)*. Coleção: Os Pensadores. Seleção e tradução de Zeljko Loparic e Andréa Maria Altino de Campos Loparic. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

JURANDIR, Dalcídio. *Marajó*. 3ª edição. Belém: Cejup, 1992.

KANT, Immanuel. *Crítica do juízo*. Coleção: Os Pensadores. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

LAUDATO, Luís. *A liberdade de filosofar em Antonio Rosmini*. Manaus: EDUA/Faculdade Salesiana Dom Bosco, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. p. 9-35 e 385-409, 1975.

MASSAUD, Moisés. *Dicionário de termos literários*. 1ª edição. São Paulo: Cultrix, 1974.

MAGEE, Bryan. *História da filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARTINS, Max. *Não para consolar: poemas reunidos, 1952/1992*. Pref. Benedito Nunes. Belém: CEJUP, 1992 (Verso & reverso, 2).

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Elogio da filosofia*. Lisboa: Guimarães, 1962.

_____. *Fenomenologia da percepção*. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. *O visível e o invisível*. 4ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

NORONHA, Nelson Matos de. *História dos saberes sobre a linguagem. A questão de suas descontinuidades segundo Michel Foucault*. Manaus: Editora Universidade do Amazonas, 1997.

NUNES, Benedito. *Oswald Canibal*. Coleção Elos. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

_____. *Prolegômenos a uma crítica da razão estética*. Artigo, 1979.

_____. *A obra poética e a crítica de Mário Faustino* (Com um adendo comemorativo sobre o poeta). Belém. Coleção “Literatura Paraense”. Conselho Estadual de Cultura do Pará, 1986.

_____. *Introdução à filosofia da arte*. 3ª edição. São Paulo. Ática, 1991.

_____. *O drama da linguagem*. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Crivo de papel*. São Paulo. Ática, 1998.

_____. *Passagem para o poético. Filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo. Ática, 1999.

_____. *O Nietzsche de Heidegger*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.

_____. *O tempo na narrativa*. 2ª edição. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *Heidegger & ser e tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. *Meu caminho na crítica*. Estudos Avançados 19(55). Depoimento dado no III Ciclo de conferências “caminhos do crítico”, na Academia Brasileira de Letras em 17/05/2005.

_____. *Crônicas de duas cidades*. Belém e Manaus. Belém: SECULT, 2006.

PINTO, Lúcio Flávio. *Um roteiro dos livros de um sábio paraense*. Belém: UFPA, 1991.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Organização, tradução e apresentação de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

_____. *Hermenêutica e o estruturalismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

_____. *O conflito das interpretações: Ensaio de Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

ROCHLITZ, Rainer. *O desencantamento da arte*. Tradução Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2003.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger. Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. São Paulo: Geração Editorial, 2000.

SCHELLING, Friedrich Von. *A essência da liberdade humana*. São Paulo:Heder, 1963.

SILVA, Marilene Corrêa da. *Paul Ricoeur e Walter Mignolo-um estudo de hermenêuticas racionalistas num campo interpretativo comum*. Somanlú, v.1, n. 1, 2000.

SOUZA, José Crisóstomo. *Ascensão e queda do sujeito no movimento jovem-hegeliano (Hegel, Strauss, Bauer, Feuerbach, Stirner, Marx)*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992.

SPINOZA, Benedictus. *Tratado político*. São Paulo: Ediouro, s.d.

THADEU, Weber. *Hegel: Liberdade, estado e história*. Petrópolis: Vozes, 1993.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser)*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TOCANTINS, Leandro. *O rio comanda a vida – uma interpretação da Amazônia*. Manaus: Valer /Governo do Estado do Amazonas, 2000.

TORRES, Iraíldes Caldas. *As novas amazônidas*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

VIEIRA, Padre Antônio. *Sermões escolhidos*. Organização e Coordenação de José Verdasca. São Paulo: Martin Claret, 2004.

WALTER, Benjamin. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Tradução de Maria Luz Moita e Maria Amélia Cruz. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1992.

Fontes Eletrônicas

<<http://www.uol.com.br/.../paz2005/imagens/nunes.jpg>>. Acesso em: 03 maio 2006.

<<http://www.trilhasdacultura.com.br/img/nunes/nunes.jpg>>. Acesso em: 03 maio 2006.

<http://jbonline.terra.com.br/.../benedito_nunes.htm>. Acesso em: 03 maio 2006.

<<http://www.clas.berkeley.edu:7001/.../index.html>- universidade da Califórnia, 30/04/2002>. Acesso em: 21 maio 2006.

<<http://www.ufpa.br/.../beira27/fotos/Benedito.gif>> . Acesso em: 02 junho 2006.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)